



Lições da pandemia

Reflexões do time do
Centro Popular de Cultura
e Desenvolvimento sobre
o período pandêmico.

2020 . 2021

O CPCD

O CPCD é uma OSC - Organização da Sociedade Civil, fundada em 1984, em Minas Gerais, para promover educação popular e o desenvolvimento comunitário a partir da cultura.

Dedica-se à implementação e realização de projetos inovadores, programas integrados e plataformas de transformação social e desenvolvimento sustentável, destinados, preferencialmente, às comunidades e cidades brasileiras com menos de 50 mil habitantes onde vivem mais de 90% da população brasileira.

Deseja se tornar uma referência regional e nacional na construção de ecossistemas de aprendizagem, contribuindo de forma substantiva para a consolidação dos princípios éticos, de transparência, justiça e equidade social, valorizando a diversidade cultural brasileira.

Esta publicação trata das ações e reflexões do time do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD nos anos de 2020 e 2021, período em que a pandemia da Covid-19 desafiou a humanidade.

De Namalima para o Mundo:

de uma aldeia moçambicana (1990) para a aldeia global (2020)

Somos todos cuidadores e guardiões de morada (nossa mãe-e-irmã terra), não somos proprietários do mundo, no máximo inquilinos. E estamos de passagem e para quê? - para ser educados, livres, felizes e ter saúde, penso eu.

Ser educado é uma das razões da nossa vida, já que viemos ao mundo e temos pouco tempo aqui (não há segundo turno na vida, é turno corrido e ninguém cai para a segundona).

Por isso acredito que a educação é fim (e não meio) e o educador é aquele que cria as condições para as pessoas aprenderem tudo o que precisam para viver bem, o tempo todo. Educador é aquele que possibilita às pessoas a aprendizagem para a realização plena de todo potencial humano que trazemos e construímos. Então a educação deve preparar para que cada um seja um grande aprendiz com os outros, com o todo.

Podemos definir educação como quisermos, mas ela só acontece no plural. Não existe educação no singular, pois para que haja educação, são necessárias, no mínimo, duas pessoas. E educação não é aquilo que uma ou outra pessoa sabem, mas o que elas conseguem trocar e aprender juntos. Educação é portanto uma soma ($1 + 1 = 3$), onde o que se aprende junto, um com o outro, produz o milagre da educação.

Por isso, penso que a formação do educador deveria preparar o indivíduo para ser um aprendiz permanente, com uma capacidade de ouvir e de aprender de uma forma generosa e intensa. Quando a gente consegue despertar nas pessoas que todos nós temos esse potencial de educador, percebemos que é possível fazer isso em escala maior.

Vivi e aprendi em Moçambique que “para educar uma criança, é necessária toda uma aldeia”.

“Para educar uma criança, é preciso de toda a aldeia.”

(provérbio macua)

Ser educador é tornar-se um “convocador de aldeia”, para que todos, sem exceção, possam aprender tudo o que precisam e desejam, no seu tempo e ritmo, para serem felizes, educados, livres e saudáveis. Então uma cidade deve ser sempre uma cidade educativa, uma grande aldeia. O importante é trabalhar esse potencial e disponibilizá-lo como possibilidade concreta para criar uma vida melhor para todos, em todos os lugares de nossa “casa e morada”, a Terra.

Durante os quase 9 anos que trabalhamos em Moçambique na formação de educadores que viviam e trabalhavam nos campos de refugiados de guerra, tivemos, primeiro, que desaprender e desapegar de nossos conceitos acadêmicos embolorados e preconceitos de formação histórica; depois, passamos para a fase do reaprender os tempos, os ritmos, os saberes, os fazeres e os querereres das pessoas e das comunidades onde elas viviam. E foi assim que começamos, de fato, a nos tornar educadores que aprendem.

Imagina você chegar nesse país, que segundo o Índice de Desenvolvimento Humano era o antepenúltimo país do mundo! Um país que estava lá na “segunda divisão” há muito tempo, à beira da lanterna. Tudo o que eu havia testado e aprendido até então, de quase nada adiantava em Moçambique. Segundo os jovens moçambicanos, “a vida não tinha carril”. Carril significa caminho, trilho, vereda, atalho. Mas para alguns jovens carril significava tempero, uma pimenta para dar gosto ao viver.

As pessoas saíam de casa todos os dias, de manhã cedo, atrás do carril do dia, do tempero para mantê-las vivas hoje, amanhã, se estivessem vivas ainda. Então as pessoas iam definhando, se tornando invisíveis. E isso era muito, muito, complicado.

Mas, por obra do destino, eu fui parar num lugar chamado Namalima, lá na Nampula. Um lugar pobre que nem Jó. Mas, para minha surpresa, eu vi que ali não havia melancolia, havia brilho nos olhos das pessoas. Pobreza material tinha a dar com pau, mas tinha brilho nos olhos, ninguém era melancólico. E aí eu comecei a indagar:

- "O que aconteceu aqui?"
- "Ah, não aconteceu nada.", respondiam as pessoas.
- "Ah, aconteceu, alguma coisa aconteceu." insistia. Depois de tanta insistência, alguns começaram a falar:
- "Sabe o que aconteceu? Eu acho que nós começamos a mudar depois da escola, depois que a escola apareceu..."
- "Opa, como é que é isso mesmo? Mas que escola, aquela lá?"
- "É."

Era uma escola de pau a pique, chão de terra batido, estacas de madeira, coberta de palha de palmeira, mais ou menos num espaço de três por quatro metros. Uma escolinha semelhante a quase todas as escolas nos campos de refugiados.

- "O que esta escola tem de diferente das outras?" perguntava curioso e ansioso.
- "Essa escola foi construída pelo senhor Antônio

"Educador é aquele que aprende".

Eu preciso parar de ensinar e começar a aprender.

"Preservada a vida e a ética, vale tudo para educar uma criança!"

Silva", confirmaram todos a quem perguntava. E acrescentavam:

- "É verdade... as coisas mudaram depois da escola pronta."

- "Cadê o senhor Antônio Silva?", eu perguntava, curioso.

Ninguém achava o senhor Antônio. Ele vivia nas savanas. Eu fiquei lá um mês zanzando para achar o senhor Antônio. Um dia eu tive a sorte grande de encontrá-lo:

- "Eu estava lhe procurando há meses, Seu Antônio, agora o senhor me conta: o que o senhor fez?"

- "Eu não fiz nada não."

- "Ah, como não fez nada, me disseram que o senhor fez sim, o que o senhor fez mesmo?"

- "Não fiz nada. Só fiz a escola"

- "Eu vou ficar aqui o dia inteiro, enquanto o senhor não falar, eu não vou embora... pode falar, eu não estou com pressa."

Aí ele foi me contar a história, em detalhes.

Quando eles voltaram da guerra, juntaram o povo todo e o régulo (chefe) falou:

- "Ô gente, o que nós estamos precisando aqui na nossa comunidade?"

- "Tudo! Não tem nada." gritaram alguns.

- "Precisa de tudo, é verdade. Mas não dá para fazer tudo de uma vez. Quem é que precisa mais, entre nós, quem precisa de mais coisas?"

- "As crianças", alguém falou.

- "Concordam? E o que vocês acham que as crianças

precisam mais?” questionou o régulo.

- “Escola”, disse alguém.
- “Vocês concordam então em fazer uma escola para crianças?”
- “Sim! “
- “Todo mundo está de acordo?”
- “Sim!”

Então ele fez a pergunta (óbvia para os macuas):

- “Quem é que sabe construir escola?”

O senhor Antônio levantou a mão.

- “O senhor faz, Seu Antônio.”
- “Faço!” E dali ele foi embora construir a escola. Não tinha mais nada para conversar. Resolvida a parada dele: foi para o meio do mato, caçou um bocado de madeira, pegou umas palhas na palmeira. Em uma semana, ele construiu uma escola três por quatro. Obra pronta, ele foi lá na casa do chefe e falou assim:
- “A escola está pronta, chefe, pode começar.”
- “Ô senhor Antônio, muito obrigado, mas sabe qual é o problema? Nós não temos professor para ensinar.”
- “Porque a escola estando pronta, no dia que houver um professor, ele fica aqui”.
- “Não, está errado, tinha que ter o professor! A escola está pronta, pode arrumar o professor!”
- “Mas ninguém sabe ensinar.”
- “Então, por que vocês pediram para construir escola?”, começou um bate-boca.
- “Então eu quero receber, vocês vão me pagar

pelo meu trabalho.”

- “Mas não foi combinado assim.”
- “Mas vocês também combinaram de arrumar o professor e não arranjaram.”
- “Então, o senhor pode ir de casa em casa e falar com as pessoas, se eles quiserem pagar, o senhor está autorizado a receber.”

E ele foi, de casa em casa, na comunidade da Namalima, com a seguinte pergunta (óbvia para os macuas):

- “O que o senhor sabe fazer?”
- “Ah, senhor Antônio, eu sei fazer machamba¹.”
- “Ótimo, vai ensinar na escola, uma semana, tá? E a senhora? ”
- “Eu sei fazer capulana, Seu Antônio”.
- “Ótimo, vai ensinar na escola, uma semana tá? E a senhora? ”
- “Eu sei torrar castanha de caju.”
- “Ótimo, vai ensinar na escola, uma semana, tá?”

E assim ele cobrou de todos os adultos de Namalima. Durante uma semana eles iriam ensinar na escola o ofício ou aquilo que eles sabiam fazer, assim como Seu Antônio gastou uma semana para construir a escola. Todos concordaram com o preço. Justo. E assim aconteceu.

- “E aí senhor Antônio, o que aconteceu?”

“Educação só acontece no plural.”

Educador é um convocador de aldeia para que todos eduquem!



perguntei.

– “Eu passo e vejo que lá sempre tem gente, todos os dias”, respondeu quase com displicência. Contou que um dia apareceu a professora para dar aula, com os livrinhos debaixo do braço:

– “Sou a professora, vim dar aula”.

E ouviu de volta:

– “A senhora pode voltar amanhã, à tarde, porque hoje não tem horário não, o horário já está ocupado...”

Era mais uma pessoa para usar aquele espaço, para ensinar e para aprender.

Essa escola nunca fechou as portas, nem sábado, nem domingo. Ela funcionava todos os dias.

– “Senhor Antônio, valeu a briga?”

– “Acho que valeu (deu uma risadinha), olha lá a quantidade de gente. O dia inteiro tem gente lá. É bom, né?”

– “E o que o senhor aprendeu disso, senhor Antônio?”

– “O que a gente pode aprender disso, como diziam meus pais e avós: “é preciso toda uma aldeia para educar cada menino!”

– “Senhor Antônio Silva, muito obrigado, agora eu posso ir embora. Eu quero levar isso para o meu país.”

Quero ser um “convocador de aldeia” para que não fique nenhuma criança sem aprender, nenhuma para trás, nenhuma a menos.

Fico muito feliz em saber que o Papa Francisco chamou toda a comunidade internacional para se reunir em Roma, em maio / 2020 (foi adiada devido à pandemia) para discutir e elaborar um compromisso, um pacto por uma Nova Educação, transformadora e emancipatória, que enfrente os horrores do modelo atual, baseado num Sistema Capitalista, excluindo, seletiva, produzindo e reproduzindo desigualdades, poucos, ricos e a maioria, milhões de pobres e miseráveis.

E para este chamado ele usou exatamente o provérbio macua, que aprendemos com o Sr. Antônio Silva, há mais de 30 anos em Namalima: “Para educar uma criança, você precisa de todo o povo”.

Construamos, após a pandemia, essa “Aldeia

Global” que não aceitará a perda de nenhuma criança e garantirá a todos, sem exceção, uma vida com dignidade, liberdade, felicidade e saúde.

Quero ser um “convocador de aldeia” para que nenhuma criança fique sem aprender, nenhuma para trás, nada menos que isso.

Eu quero viver para fazer parte desta aldeia.
E você?

Tião Rocha

Antropólogo e Educador

Presidente do CPCD

(texto escrito em junho de 2020)



foto: Danilo Verpa

ÍNDICE

Apresentação	10
Conceitos e referências	11
Pedagogias e tecnologias	13
Time	16
O que fizemos em 2020 e 2021?	17
Araçuaí / MG	18
Plataforma Arasempre	18
Ser Criança: Educação pelo Brinquedo	19
Cinema Meninos de Araçuaí	21
Cooperativa Dedo de Gente	24
Empório Solidário	25
Sítio Maravilha	27
Projeto Vale Água, Vale Vida	28
Região do Rio Doce / MG	34
Barra Longa: Presente do Futuro, Saudável	34
Quintais Saudáveis de Barra Longa	37
Projeto Júpiter	38

São Paulo / SP	42
Parelheiros Saudável: Territórios Abraçados	42
Maranhão	46
Casa Saudável: Onde Mora Uma Vida Melhor	46
Estação do Conhecimento de Arari	50
Brumadinho, S. Joaquim de Bicas, Igarapé / MG	54
Projeto Geração	54
Para onde vamos caminhar a partir de agora?	55

APRESENTAÇÃO

O CPCD é uma organização de aprendizagem. Essa é nossa vocação desde que era uma ideia teimosa na cabeça do educador popular Tião Rocha. Nas ruas de Curvelo/MG, “capital da literatura” de Guimarães Rosa, a ideia e o educador se encontraram com a vontade de muitas pessoas de provarem que educação é um fim que tem infinitos caminhos para se alcançar. De lá para cá, nos espalhamos Brasil profundo adentro e mundo afora.

Como instituição, o CPCD é uma coleção de aprendizagens e experiências que foram sistematizadas gradativamente na forma de pedagogias, tecnologias sociais, relatórios de projetos, cartilhas, causos, histórias, vídeos, reportagens e alguns prêmios. O repertório de quase 40 anos ecoa em cada ação e projeto que visam hoje o desenvolvimento comunitário sustentável, sempre a partir da cultura popular e através das tecnologias sociais. Se a “encrenca” for motivadora e apontar para esta direção, o CPCD topa estar lá.

É possível uma educação fora da escola, embaixo de um pé de manga? É possível uma criança aprender tudo que precisa de maneira lúdica e prazerosa? É possível juntar desenvolvimento humano e profissional para que jovens se preparem para a vida? É possível promover desenvolvimento a partir da integração de tecnologias sociais de baixo custo? É possível a estruturação de uma escola do campo como fonte de aprendizagem e autossustentação?

A resposta é sempre sim.

E ela é respondida a partir do lado luminoso das comunidades e das pessoas, do que cada um tem de melhor para oferecer. Pode ser um saber, um ofício, um talento, uma vontade. O conjunto de luzes de cada comunidade é o ponto de partida para caminhar na solução de “encrencas” variadas.

Os anos de 2020 e 2021 foram marcados por uma crise sem precedentes, de saúde e da humanidade. Para o CPCD, após um susto inicial e também de perdas de pessoas e da presença física que nos é tão cara, foi também uma fonte de descobertas.

“É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a dureza ou aspereza da realidade sugiram o contrário.”

Paulo Freire, em À sombra desta mangueira

É possível abraçar de longe? É possível cuidar de alguém mesmo de forma online? É possível adaptar pedagogias para a realidade virtual? É possível realizar oficinas e mobilizações online? É possível aprender tecnologias através de vídeos de WhatsApp? É possível estimular protagonismo à distância?

As respostas não são simples, mas são sempre sim. De novo.

Queremos entender o que vai na bagagem a partir de agora, neste momento crítico de reinvenção institucional, humana e também global. E este relatório conta um pouco do que a gente aprendeu nesse tempo. E marca um desejo nosso de compartilhar mais, de outros modos, nossa experiência com quem se interessar. É o primeiro relatório institucional do CPCD, neste formato, feito desse jeitinho que o leitor vai ver, e representa um processo coletivo – como não poderia deixar de ser, freirianos que somos – de levantamento de saberes. Ele serve para registrar aprendizados, comunicar e compartilhar com parceiros e com quem se interessar por nossa trajetória.

Boa leitura e obrigado pela companhia!

Time do CPCD

CONCEITOS E REFERÊNCIAS

Paulo Freire

Não existe CPCD sem Paulo Freire. Sua obra e sua prática são absolutamente fundamentais para as ideias e para tudo o que é feito no CPCD. O que se diz aqui é que é preciso “paulofreirar”, o que só é possível no presente do indicativo.

A educação em Paulo Freire é sempre no plural, não é apenas geradora de competências individuais mas é no sentido de transformação do bem comum. É inclusiva e constrói uma lógica de levar as pessoas ao “inédito viável”, ou seja, às transformações que o mundo precisa no sentido da igualdade e da justiça social. Paulo Freire propõe um processo contínuo de ação-reflexão-ação, saindo da pedagogia do oprimido, passando pela pedagogia da esperança e chegando à pedagogia da autonomia. Uma busca de melhoramento de seres humanos.



Educação Popular

Outro conceito central para o CPCD é a Educação Popular, que significa uma educação para todos e construída por todos. “A Educação Popular foi concebida, elaborada e constituída, ao longo da história, por meio da ação-reflexão-ação. Não foi uma teoria que criou a prática, nem a prática que criou uma teoria. Ambas, na vivência educativa, foram determinantes para a concretização de uma práxis pedagógica. Essa

práxis, originada do povo e para o povo, nasceu nos movimentos sociais populares e, por sua vez, ocupou os espaços institucionais. Nesse sentido, entendemos a Educação Popular como uma concepção geral da educação e não, simplesmente, como educação das populações empobrecidas ou ‘educação não formal’. Educação Popular é educação para todos.”



Permacultura

Permacultura quer dizer cultura permanente. É um jeito de pensar e agir, trabalhar e produzir a partir de três princípios: o cuidado com a terra, o cuidado com as pessoas e o compartilhamento do excedente. Tudo tem que ter, no mínimo, duas funções.

Quando seguimos os princípios da permacultura para organizar as atividades em um lugar, elaboramos um desenho para utilizar o espaço da melhor maneira, facilitar o trabalho humano, aproveitar ao máximo as fontes de energia. A ideia é que tudo esteja conectado para que não falte nada e nem haja lixo. A permacultura pressupõe a observação da natureza para seguir seus ensinamentos.



Carta da Terra

<https://abre.ai/cartaterra>

A Carta da Terra é um documento fundamental, que reúne princípios de vida que pessoas, organizações e governos devem seguir para que a gente viva com mais qualidade e de forma mais harmoniosa com a natureza. Foi escrita por pessoas do mundo inteiro, de culturas completamente diferentes, que se juntaram repetidas vezes para conversar sobre justiça, paz e modos mais sustentáveis de vida e de pensamento. Foram necessários 10 anos de muito diálogo para chegar ao documento final, que foi concluído e lançado em 2000. São ao todo 16 artigos, reunidos sob 4 grandes temas universais: respeitar e cuidar da comunidade da vida; integridade ecológica; justiça social e econômica e; democracia, não-violência e paz.

Laudato Si

<https://abre.ai/laudatosi23>

A Encíclica do Papa Francisco também inspira e nos oferece bases filosóficas e conceituais, que norteiam nossa atuação. Publicada em maio de 2015, o texto trata do cuidado com o meio ambiente e com todas as pessoas. Seu subtítulo é “Sobre o Cuidado da Casa Comum”. Esse documento traz uma proposta para discutir uma Nova Economia, ou Economia de Francisco, para discutir novas bases para as relações econômicas no mundo e também uma Nova Educação, que pensem a humanidade no sentido de compartilhar e gerar justiça social a partir da riqueza que o mundo acumulou para garantir. A convocatória é baseada no provérbio africano “para educar uma criança é preciso toda uma aldeia.”



Ecosistemas de Aprendizagem³

<https://abre.ai/ecoaprendizagem>

Mais recentemente, o CPCD se identificou e adotou o conceito de Ecosistemas de Aprendizagem, que vem sendo trabalhado, entre outros pensadores e organizações, pela Plataforma WISE da Qatar Foundation.

“Ecosistema de Aprendizagem é uma rede de pessoas conectadas por meio de seus relacionamentos e tecnologias, recursos, habilidades e ferramentas compartilhadas, que trabalham juntas para co-criar e testar soluções para aprimorar e avançar o aprendizado em sua comunidade.”

Um ponto importante deste conceito é a falta de hierarquia entre as fontes de conhecimento, ou entre as pessoas que detém conhecimento. Para o CPCD, os saberes estão em todos os lugares.

Para o CPCD ainda, mais do que rede, a aprendizagem pressupõe plataformas de pessoas e organizações, que se diferem das redes porque têm uma causa central que agrega e engaja seus integrantes.

Pela leitura institucional, este conceito vai além do de cidade educadora², que é a que reconhece, exercita e desenvolve, além de suas funções tradicionais (econômica, política e prestação de serviços) uma função educadora, assumindo a intencionalidade e a responsabilidade de formação, promoção e desenvolvimento de todos seus habitantes.

2. *Primerio Congreso Internacional de Ciudades Educadoras, Barcelona, 1990*

3. *Tradução livre feita a partir do ebook “Designing Learning Ecosystems - WISE Living Lab Playbook”*

PEDAGOGIAS E TECNOLOGIAS

A Pedagogia da Roda

A Pedagogia da Roda privilegia o diálogo e a não-exclusão. A matéria-prima de todo o processo de aprendizagem são as pessoas – seus saberes, fazeres e querer – pois educação é algo que só acontece no plural. Cada um é sujeito da aprendizagem com suas diferenças e experiências de vida, contribuindo com sua formação e a dos demais componentes da roda, em um espaço horizontal e igualitário. A Pedagogia da Roda nos ensinou que “um ponto de vista é a vista a partir de um ponto.” Por isso, cada pessoa é única, porque do lugar e da experiência que ela ocupa, seu olhar, visão e perspectiva são também únicos, e aprender a olhar o mundo pelo olhar dos outros, melhora o nosso próprio olhar. Na roda, educadores e educandos, são aprendizes permanentes, fortalecendo as identidades culturais locais, o que se converte em mais solidariedade e espírito comunitário.



A Pedagogia do Brinquedo

A Pedagogia do Brinquedo surgiu como resposta à seguinte pergunta: será que as pessoas: crianças e adultos, podem aprender tudo o que precisam aprender, no seu tempo e no seu ritmo, alegremente? A Pedagogia do Brinquedo respondeu que sim!

Aprender e ensinar brincando traz em si toda a riqueza de possibilidades de relacionamento e companheirismo, socialização e troca de experiências, conhecimento do outro e respeito às diferenças, desejos e visões de mundo, elementos essenciais para construção de uma relação plural entre educadores-educandos, condição básica para existência de uma prática educativa de qualidade e para a descoberta e apropriação do “mundo dos saberes, dos fazeres e dos querer”: das letras, dos números, das ideias, dos fatos, dos sentimentos, dos valores, da cidadania, dos sonhos...



A Pedagogia do Sabão

A Pedagogia do Sabão é resultante do “aprender fazendo”, partindo do “inconsciente coletivo” das pessoas, recuperando práticas tradicionais e incorporando novos valores. Busca a sustentabilidade, o desenvolvimento integral e a formação solidária das pessoas envolvidas. Utiliza os saberes e fazeres culturais dos participantes como matéria-prima de ações pedagógicas, trabalhando com soluções e alternativas que integram satisfação econômica, valores humanos e culturais, compromisso ambiental e empoderamento comunitário. A lógica da pedagogia do sabão, nada mais é, do que a apropriação e adaptação de tecnologias de baixo custo ou de custo zero, que podem ser replicadas em qualquer comunidade.

A Pedagogia do Abraço

A Pedagogia do Abraço, desenvolve o espírito solidário e afetivo nos grupos sociais, rompendo com a ideologia do autodesprezo que contamina e subjuga, principalmente crianças e idosos discriminados e miserabilizados. A Pedagogia do Abraço, tem como premissa o investimento na afetividade – palavras, atitudes, afetos e “cafunés pedagógicos” – fazendo das gentilezas, riqueza. A sua aplicação dentro dos projetos educacionais e comunitários, possibilita a melhoria da comunicação e a inclusão social, estimula a participação, a formação da identidade, o fortalecimento da autoestima, reduz as diversas formas de violência, favorece a integração da equipe, a idealização de espaço solidário, a relação de iguais entre pessoas diferentes. Facilita a organização do trabalho e todo o processo de aprendizagem.



A Pedagogia do Copo Cheio

O IDH – Índice de Desenvolvimento Humano mede as carências, o lado vazio do copo. Por isso, optamos por trabalhar, estrategicamente, com o IPDH – “Índice de Potencial de Desenvolvimento Humano”- que mede as fortalezas, o lado cheio do copo, que é formado pela capacidade de Acolhimento, de Convivência, de Aprendizagem e de Oportunidade de uma comunidade. As iniciais dessas palavras, formam a palavra AÇÃO, expressão e palavra-síntese do trabalho a ser desenvolvido. Olhar a comunidade não por suas ca-

rências, mas pela sua potencialidade, é construir um novo paradigma, um novo jeito de olhar, pensar e atuar. Investir e maximizar os potenciais de “AÇÃO” é a nova estratégia.

Plano de Trabalho e Avaliação - PTA

Trata-se de um sistema lógico e concatenado de procedimentos que (1) transforma os objetivos (de verbos no infinitivo) em objetos (substantivos palpáveis-e-concretos); (2) disseca os objetos em suas dimensões e elementos constituintes; (3) formula perguntas importantes em função de cada dimensão; (4) elenca todas as atividades, técnicas dinâmicas e instrumentos de ação em função das perguntas; (5) define todos os micro-indicadores de processos, de impactos e de resultados mensuráveis, presentes nas ações; (6) define os diversos públicos - alvos e protagonistas - do projeto; (7) faz a previsão de tempo, duração e responsabilidades.

Se caminha na lógica (de 1, 2, 3... até 7), temos um plano de trabalho. Se percorremos este caminho na lógica do (7, 6, 5... para 1), temos um plano de avaliação. Como uma via de mão dupla, o PTA trabalha e avalia o alcance do objetivo sem perda do foco ou desvio dos caminhos de um projeto.

Monitoramento de Processos e Resultados de Aprendizagem – MPRA

Esta tecnologia surgiu também como necessidade da equipe do CPCD em acompanhar o desenvolvimento dos seus projetos, como um “plano de voo” que precisa ser monitorado permanentemente, visando a possibilidade de “correções de rumo” necessárias e a mitigação dos processos e impactos negativos.

Para tal, formulamos 10 perguntas que são feitas mensalmente para todos os envolvidos no projeto:

1. Quantos iniciaram a atividade ou o projeto? Quantos concluíram?
2. Quanto tempo gastamos para realizar a atividade ou o módulo previsto? Foi suficiente?
3. Quantos produtos ou materiais de apoio ou de

aprendizagem foram criados? Eles atendem aos objetivos do projeto?

4. O que foi feito que evidencie ou garanta que atingimos os objetivos propostos?
5. Como as atividades foram realizadas: foram lúdicas? Inovadoras? Educativas?
6. O que pode ser sistematizado? É possível construir uma “teoria do conhecimento”, já?
7. O que necessita ser ainda praticado para alcançar os objetivos propostos?
8. Se o projeto encerrasse hoje, ele estaria longe ou perto dos objetivos propostos?
9. Há necessidade de “correções de rumo” nas atividades? Na metodologia?
10. O nosso prazer, alegria e vontade em relação ao projeto: Aumentaram? Diminuíram? Por quê?

Maneiras Diferentes e Inovadoras de... - MDIs

Construímos um jogo dinâmico e lúdico que se transforma em instrumento de planejamento ao estimular a criatividade e a inovação. As MDIs têm como base a provocação, o estímulo e o fazer pensar “fora da caixa”, longe dos modelos já prontos e das soluções pré-estabelecidas. Encontrar caminhos novos para velhos e permanentes problemas é o desafio.

Indicadores de Qualidade de Projetos Sociais - IQPs

Construído, inicialmente, para responder às necessidades internas da equipe do CPCD, que queria aferir o grau de qualidade de seus projetos sociais, este instrumento tornou-se uma tecnologia replicável, pois reúne índices de avaliação de qualidade para qualquer projeto educacional ou social, capaz de qualificar e quantificar indicadores de qualidade de projetos (IQPs) a partir dos 13 macro-indicadores:

1. Apropriação = Equilíbrio entre o desejado e o alcançado.
2. Coerência = Relação entre teoria e prática.
3. Cooperação = Espírito de equipe e solida-

riedade.

4. Compaixão= oposto à indiferença; disponibilidade para o auxílio, altruísmo, a ternura e a solidariedade
5. Criatividade = Inovação, animação e recriação.
6. Dinamismo = Capacidade de autotransformação segundo as necessidades.
7. Eficiência = Identidade entre o fim e a necessidade.
8. Estética = Referência de beleza e gosto apurado.
9. Felicidade = Sentir-se bem com o que temos e somos.
10. Harmonia = Respeito mútuo.
11. Oportunidade = Possibilidade de opção.
12. Protagonismo = Participação nas decisões fundamentais.
13. Transformação = Passagem de um estado para outro melhor.

TIME

“Ser o CPCD...”

Ser o Centro, não no sentido epicêntrico, mas sim como protagonista da sua vida e na sua comunidade.

Ser Popular, estar junto e misturado com as pessoas, estar conectado com o povo da nossa cidade. ‘Falar a língua da Galera’.

Cultura, em todos os sentidos possíveis: estudar, aprender, fazer! Cultura como conhecimento e como tradição da nossa comunidade.

Desenvolvimento, crescer e buscar desenvolver todo seu potencial, assim como uma sementinha minúscula que, ao ser regada e cuidada, se transforma numa árvore grande, frondosa, que oferece sombra, frutos e acolhe os insetos e os passarinhos.”

(Yuri Hunas Miranda, educador)

“Ser educador é tornar-se um ‘convocador de aldeia’.”

Tiã Rocha

Advete Santana S. Rodrigues
Afrânio Diniz Da Silva Junior
Ailton Mendes Rodrigues
Alecson Aparecido Jardim
Alexandre De Jesus
Ana Beatriz Lucas Dos Santos
Ana Paula Aparecida Da Silva
Ana Paula Da Silva Pereira
Andreia Gomes Fonseca
Antonio Carlos De Sousa
Antonio Reis Mendonça Pereira
Bartolomeu Trindade
Beatriz Ludimila Peixoto Silva
Bianca Donata Silva
Breno Kelvin Cassino
Carlos André Gonçalves Pereira
Celso Souza Silva
Cicera Francisca Da S. Rodrigues
Cleia Celestino Da Silva
Cleide Nunes Jacaranda
Danielle A. Carvalho De Oliveira
Danilo Jesus Pereira
Doralice Barbosa Mota
Edilúcia Borges Luiz
Ednalda Aparecida Dos Santos
Eliane Luiz De Almeida Oliveira
Elias Santos Alves
Elizânia Gonçalves Silva
Felipe Silva Teixeira
Felix Henrique P. Rodrigues
Fernanda Almeida Dos Santos
Flávia Barbosa Mota
Franklin Pereira Salviano
Geise Pontes Mendes
Geralda Maria De Nazareth
Giovanni Delamare Passos
Girlane Ribeiro Da Silva
Gislane De Jesus Sena
Gleidiane Oliveira Santos
Hamilton Sampaio Marinho
Helbert Silva Rodrigues
Hilton Moreira Ramalho
Iranilson Marinho Martins
Izabela De Moura Viana
Jane Rodrigues Cardoso
Jane Soares De Souza
Jéssica Ferreira De Matos
João Evangelista Ferreira
João Francisco Dos S.Pereira
João Francisco Queiroz
Jorge Luiz Pereira Pinto
Jose Hermogenes Machado
Jose Machado Filho
José Nascimento T. Dos Santos
José Tobias Alves Dos Santos
Joyce Viana Prates
Juliana Jardim Santana
Laniela De Jesus Feitosa
Leislane Tamara Lopes
Luana Dos Santos Rocha
Luciana De Souza Aguiar
Luciana Pinto Alcantra
Luis Gustavo Marinho Da Silva
Luiz Fernando Da Silva Pedro
Maria Elza Ferreira
Maria Patrícia Araújo De F Ribeiro
Marton Martins Dos Santos
Matheus Henrique S. De Barros
Maurileia José Dos Santos
Mirlane Coelho Dos Santos
Onesima Gomes Ferreira Mourthe
Patrícia Aparecida Martins Costa
Patrícia Santos Nogueira Pinheiro
Paula Fernanda Coelho
Paulo Rafael Dos Santos
Paulo Sergio Paz
Pedro Henrique Marques
Ronaldo De Souza Lima
Silmara A. De Lima S. Rodrigues
Silvania Costa
Tamires Santos De Araujo
Tiã Rocha
Tarcisio Souza Rodrigues
Valdineia Miranda Oliveira Silva
Vania Lucia Coutinho
Vera Lucia Gonçalves Jardim
Virgínia Neles Ferreira
Walter Agostinho Do Carmo
Washington Alves Rodrigues
Wender Gomes De Campos
Yuri Hunas Miranda

O QUE FIZEMOS EM 2020 E 2021?

MAPA DE AÇÕES – BRASIL

17
cidades

+6.000
pessoas
atendidas

03
estados

Tufilândia
Arari
Bacabeira
Itapecuru Mirim
Alto Alegre do Pindaré
Araçuaí
Curvelo
São Joaquim de Bicas
Igarapé
Brumadinho
Mariana
Barra Longa
Rio Doce
Ponte Nova
Santa Cruz do Escalvado
São Paulo

ARAÇUAÍ/ MG

Plataforma Arasempre – Araçuaí para todos, para sempre

Desde 2005



No coração do Vale do Jequitinhonha, Araçuaí é um ponto luminoso, mas quer virar constelação. Em 1998, quando o CPCD chegou neste lugar por escolha e destino, entendeu que era preciso ir além e esse moto-contínuo levou a desafios e aprendizagens não imaginados. Primeiro, a partir da escuta no projeto Ser Criança, um combinado: de não perder nenhum menino para o corte de cana, fatalismo que marcava a vida das famílias de toda a cidade e região.

Em 2005, quando a cidade foi escolhida para abrigar o projeto Araçuaí Sustentável, o município começou a sonhar em ser um lugar melhor para se viver, quando aportaram ali parceiros e inúmeros saberes que aos poucos se adaptaram àquela terra e sua gente.

Hoje o Araçuaí Sustentável é uma plataforma e mudou de nome: Arasempre. Integra projetos e tecnologias socioambientais, educativas e de mobilização comunitária, persistindo no compromisso de empoderar a comunidade, preservar o meio ambiente, buscar a satisfação econômica e reforçar valores humanos e culturais para o desenvolvimento do território. O objetivo? Transformar Araçuaí numa cidade para todos e para sempre. As áreas de atuação do Arasempre se complementam e se articulam: habitação, água, energia, alimento, educação, cultura, saúde e trabalho.

Cada uma delas representa um campo de ideias e experiências que se transformam em iniciativas comunitárias para revelar a descoberta de modos de vida mais sustentáveis e para fixar o homem na sua terra.

A Plataforma quer provar que é possível o desenvolvimento humano, cultural e econômico, criando oportunidades para que seus habitantes possam se manter em sua terra (“Meu lugar é aqui”) e preservá-las para as futuras gerações (“Cuidando dos Tataranetos”).

É assim que a cidade faz no presente o seu futuro, acreditando que pode e deve ser de todos, para sempre.

No período de 2020 / 2021, a Plataforma foi o mote para o início do desenvolvimento de um Fundo Comunitário: o Fundo Jequi, pensado para trazer recursos não só para Araçuaí, mas para todo o Médio Jequitinhonha, que reúne 19 municípios. O Fundo Jequi irá captar, gerenciar, coordenar e monitorar recursos materiais e financeiros destinados à realização de programas e projetos inovadores, de interesse e engajamento comunitários, desenvolvidos por instituições locais e regionais. O Fundo Jequi, que tem o apoio do programa Transformando Territórios, iniciativa do IDIS – Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social, estabeleceu suas bases e articulação também neste período de 2021, com previsão de instituição formal para 2022.

O Arasempre foi ainda a pauta de um convênio inédito entre o CPCD e a Prefeitura Municipal de Araçuaí, na forma de um protocolo de cooperação técnica e extensão, assinado em setembro de 2021. O convênio é o pontapé inicial em uma série de projetos conjuntos em que o poder público municipal se torna parceiro das iniciativas da Plataforma, no sentido do desenvolvimento local e comunitário sustentável. Uma das primeiras iniciativas conjuntas foi a reativação do Empório Solidário na cidade, motivado pelas demandas de segurança alimentar geradas no contexto da pandemia.

Araçuaí permanece como uma fonte inesgotável de aprendizados para o CPCD, pelo desenho da plataforma e pela longevidade dos projetos que se integram no território. Quase 50% da equipe do CPCD está em Araçuaí, por este motivo.

Projetos integrados da Plataforma Arasempre

Ser Criança: Educação pelo Brinquedo

Desde 1998



No Ser Criança, meninos e meninas de 6 a 14 anos se reúnem diariamente em um espaço comunitário para aprender brincando, complementando os estudos da escola formal. São atividades diárias no contraturno escolar em um espaço repleto de alegria, prazer e generosidade.

Estudar brincando, plantar e comer, conversar e aprender, jogar e cantar, criar e ensinar, pintar e limpar, fazer e reciclar, dançar e sonhar, ser e ousar, respeitar e crer, rir e cuidar-se, são alguns dos muitos verbos praticados no dia-a-dia deste projeto.

No cotidiano do Ser Criança de modo geral, acontecem diariamente:

- Grande roda, em que educadores e participantes se reúnem para conversar e planejar as atividades, dar notícias, comentar fatos, elaborar pautas, e organizar as tarefas, além de cantar e brincar;
- Pequenas rodas, distribuídos por faixa etária, em que acontecem atividades decididas semanal-

mente, tais como dinâmicas, brincadeiras, pesquisas, jogos inventados, atividades artísticas, musicalização, mediação de leitura e ações de intervenção comunitária;

- Apoio nas tarefas escolares, especialmente através de jogos educativos;
- Alimentação diária das 160 crianças e adolescentes participantes do projeto, com lanches e almoço. Todos os participantes se sentam juntos à mesa, servem-se e se ajudam. Parte dos alimentos são produzidos no Sítio Maravilha e sem uso de agrotóxicos, e muitos são feitos a partir de receitas alternativas e naturais, resultando em uma alimentação saudável que garante aos participantes uma boa nutrição.
- Com as comunidades e famílias acontecem atividades como oficinas comunitárias sobre direitos da infância, mas também à saúde e à alimentação saudável, oferecendo ferramentas para promoção desses direitos no cotidiano de suas casas e famílias.

Em 2020 e 2021, por conta da pandemia da Covid-19, o Ser Criança teve que se reinventar e adaptar sua rotina e suas tecnologias ao distanciamento imposto e às regras sanitárias. Além de ampliar o seu leque de cuidados para a prevenção da pandemia, inovou na maneira de aplicar suas pedagogias. Como abraçar à distância? Como promover aprendizagem a partir de novas ferramentas? Como fazer companhia e gerar acolhimento para crianças, adolescentes e famílias neste momento de medo e incertezas?

Para enfrentar o desafio descrito, o projeto reformulou suas ações pedagógicas, de forma a não perder nenhum menino neste processo e a seguir assistindo aos participantes, incluindo mais fortemente suas famílias, da melhor maneira possível.

O projeto seguiu funcionando com uma dinâmica diferente, buscando garantir a perspectiva pedagógica e os direitos da infância. Na impossibilidade do encontro, os educadores passaram a acompanhar os grupos de crianças e adolescentes a partir de grupos de WhatsApp, para estabelecer diálogos, propor atividades semanais, interagir diariamente e orientar so-

bre medidas de proteção e cuidados em relação à Covid-19. A participação, compartilhamento e avaliação das atividades continuou: na segunda-feira os grupos decidiam sua programação da semana, e durante a semana trocavam intensamente vídeos, fotos e notícias, recebiam material, desenvolviam suas ações. Às sextas realizavam uma chamada em vídeo para conversar em rodas virtuais. Quinzenalmente, o grupo todo se reunia via Zoom - agora com a participação dos pais, que foi fundamental - para compartilhar aprendizados, apresentar suas descobertas e atividades. A participação das famílias foi marcante, os pais chegaram a conduzir algumas apresentações e se aproximaram ainda mais do projeto com o apoio dos educadores.

Para manter a alimentação saudável dos meninos e para a sua segurança alimentar, todas as quartas-feiras, em um espaço ao ar livre, e seguindo todos os protocolos sanitários, foram entregues cestas com vegetais e frutas produzidos no Sítio Maravilha - Centro de Permacultura do Vale do Jequitinhonha para as famílias, em esquema de rodízio. Cerca de 30 famílias, semanalmente, iam buscar suas cestas de alimentos de qualidade, como verduras e frutas, além de itens de alimentação básica, doados pela Fundação Itaú Social.

Este encontro semanal e seguro com as famílias passou a gerar uma multiplicidade de possibilidades e a “cesta” retirada foi crescendo. Um kit pedagógico destinado a cada uma das crianças passou a ser entregue, contendo livros, jogos educativos, materiais de base para atividades, sucata para atividades programadas, tintas de terra, mudas, plantinhas, etc.

As educadoras passaram também a preparar, em casa, produtos relacionados aos cuidados com a saúde (sabão em barra e líquido, máscaras, xampus, xaropes naturais) entregues também na mesma ocasião. Da mesma forma, as educadoras produziam biscoitos, doces e brinquedos, como pequenos mimos para as crianças e suas famílias. A partir delas, dezenas de receitas passaram a ser trocadas com as famílias (na forma de vídeos, áudios, encontros online) para uso de ingredientes alternativos e importantes para a boa alimentação de todos. As famílias passaram também a enviar suas sugestões e dicas, estabelecendo uma troca ainda mais direta com o projeto e entre si. Oficinas experimentais explicando como fazer brinquedos, jogos ou receitas passaram a ser uma atividade proposta pelas educadoras e pelas famílias, como uma

contrapartida de cuidado, sem que fosse solicitado. O que mais poderia ser feito para estender nossa presença na vida das crianças e gerar acolhimento? Passou a acontecer uma troca de objetos entre famílias neste mesmo local: crianças e famílias deixavam itens em bom estado para partilhar com outros que precisassem, em uma troca solidária e sem exigir retorno, de roupas, livros, itens de casa, etc. Valia tudo. As famílias vinham não só retirar suas cestas e kits, mas também trazer suas ofertas, em um vai e vem solidário.

“A dedicação dos educadores me marcou muito, porque em momento nenhum alguém desanimou e pensou: ah, deixa os meninos com os pais e em casa e a gente manda mensagem. Desde o primeiro dia, a equipe entrou numa conversa sobre o que fazer para que os meninos não ficassem tristes nem desesperados, que se sentissem acolhidos, que as famílias cuidassem deles assim como a gente cuida. O jeito que nós encontramos era pegar os pais de jeito, porque se os pais não fossem nossos parceiros não ia dar.”

Ana Paula Silva, educadora

Nesta mesma ocasião, aconteceu um “correio da amizade”, em que os meninos mandavam e recebiam cartas, entre si e entre eles e os educadores. As cartas eram deixadas e procuradas em uma caixa também neste mesmo ambiente. Já havia esse costume no projeto, de troca de cartas e lembranças, com o interesse de saber do outro, interagir também de forma escrita. Foi montada uma biblioteca nesse mesmo espaço em que famílias e pessoas da comunidade iam buscar livros. Eles também levavam (e traziam) algibeiras de livros para distribuir leitura em suas comunidades.

Todas essas entregas, de todos os lados, foram pensadas como maneiras de estarmos próximos de cada criança e cada família. Para superar dificuldades de

acesso zero à internet de alguns poucos meninos, a comunicação por telefone e até por recado também foi utilizada pelos educadores. Quando alguém não aparecia, a equipe de educadores acionava vizinhos e amigos até ter notícias. Muitas vezes, a cesta e os kits eram levados por alguém da mesma rua ou bairro.

Os resultados? Todas as 160 crianças e adolescentes que estavam participando do projeto, em março de 2020, mês de início da pandemia, seguiram no projeto. Não perdemos nenhuma criança neste período. O espaço e esse encontro semanal virou uma grande feira de cuidados, em que todos traziam e levavam coisas, alegravam-se, cuidavam dos outros e eram cuidados.

A participação das famílias aumentou consideravelmente por conta da interação do celular ou dos computadores dos pais. As mães e pais estão ainda mais atuantes no projeto, contam histórias, coordenam oficinas comunitárias, compartilham seus saberes com os demais. Houve aumento e reforço dos laços de amizade entre meninos, educadores e famílias. Essa experiência de cuidar sem limites está sendo compartilhada com a Rede de Proteção de Direitos do município, via CMDCA – Conselho Municipal dos Direitos das Crianças e Adolescentes, e com outras organizações da cidade, no sentido de atender às demandas das crianças do projeto, mas também a todas da cidade.

“Eu não quero tirar os meninos da rua, eu quero mudar a rua.”

Tião Rocha

Cinema Meninos de Araçuaí

Desde 2007



Em 2007, foi criado o Cinema dos Meninos de Araçuaí – resultado de um sonho dos moradores da cidade, realizado pelo Coral Meninos de Araçuaí, em parceria com o Grupo Ponto de Partida. Em 2008 o espaço tornou-se um Ponto de Cultura! A decisão foi de não apenas exibir filmes e vídeos, mas também produzir. A ousadia deu origem a uma fabriqueta de Produção Audiovisual, que passou a fazer documentários, curtas, vídeos institucionais, comerciais e até programas de TV: o Canal Sempre.

Desde então, o Cinema Meninos de Araçuaí realiza sessões abertas ao público a preços populares. Diversifica gêneros exibidos e disponibiliza filmes para todas as faixas etárias, privilegiando uma programação de qualidade. A ideia é proporcionar a todos de Araçuaí uma boa experiência de Cinema, na sala escura, confortável, com ar condicionado, pipoca, além de uma boa programação. O cinema recebe escolas para sessões exclusivas e disponibiliza seu acervo para que as turmas possam assistir a filmes relacionados aos temas que estão sendo discutidos em sala de aula. Também recebe a comunidade para que as pessoas possam se ver na tela grande, nas produções próprias da própria equipe do Cinema.

Desde 2018, o Cinema Meninos de Araçuaí é palco do Cineclube Seiva, iniciativa em parceria com jovens e educadoras do IFNMG-Instituto Federal do Norte de MG. O grupo se reúne regularmente para assistir e refletir sobre uma série de produções diversas e in-

dependentes e aproveitam para debater sobre cinema, preconceito, gênero, entre outros temas. Tem sido uma experiência rica, de intensa formação para todos que participam, e que não para por aqui. Cada filme, cada roda melhor que a outra.

Entre 2020 e 2021, o Cinema como todo o setor cultural brasileiro sentiu os impactos da pandemia: houve suspensão das sessões e também uma maior escassez de recursos para sua manutenção e dessas atividades. Dois projetos foram cruciais para sua manutenção durante o período: um projeto de capacitação da equipe, que já estava aprovado pelo Fundo Estadual de Cultura de Minas Gerais e também a Lei Aldir Blanc, que ofereceu apoio a Pontos de Cultura e artistas do estado e de todo o país.

Em 2020, o projeto aprovado pelo Fundo Estadual de Cultura, que previa formações presenciais e a produção de um programa de TV, foi adaptado parcialmente para o virtual. Foram realizadas 2 formações (de 24h cada) com profissionais renomados do audiovisual: os cineastas Ana Luiza Azevedo e Roberto Gervitz. Os encontros foram organizados a partir da análise de filmes combinados e assistidos previamente, dispositivos como exercícios práticos, a análise crítica dos programas do Canal Sempre e de produções do Cinema Meninos de Araçuaí e dos facilitadores.

As duas formações foram muito bem avaliadas pela equipe e geraram importantes contribuições para a produção do Canal Sempre, em especial o ganho de uma perspectiva crítica sobre documentário x reportagem, sobre a melhor exploração do som e da imagem não falada e sobretudo da exploração criativa de inúmeras possibilidades do audiovisual que se pode ver e analisar junto aos facilitadores e, de certa forma, experimentar nessas formações. As oficinas superaram todas as expectativas, e o meio virtual se mostrou mais eficiente do que o esperado.

Depois desta vivência a equipe do Cinema realizou uma formação com 10 jovens da cidade, uma formação técnica de 40 horas para engajar e gerar novos conteúdos para o Canal Sempre - "Introdução a produção audiovisual", com carga horária de 40h, em formato híbrido, respeitando as regras da OMS relativas a não aglomeração (com grupos reduzidos), uso de máscaras, higiene das mãos e distanciamento.

Em 2021, o recurso da Lei Aldir Blanc foi fundamental para a manutenção do Cinema e de algumas de suas atividades. Com esse recurso, obtido via edital 02 lançado pela Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais, foi possível produzir o programa piloto da série documental Barro Santo: mão e fé.

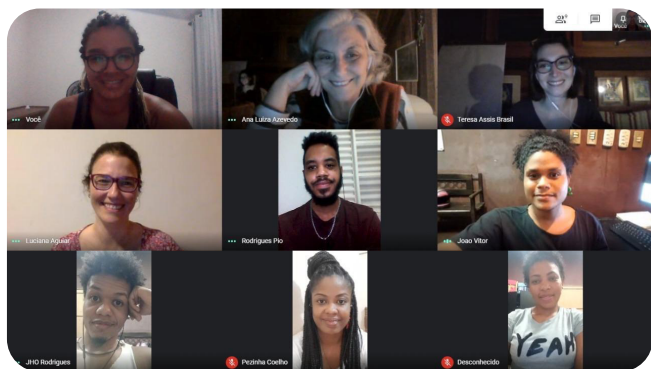
Durante o período de execução das atividades deste edital – o ano de 2021 – foi concluída a pesquisa na fase de pré-produção e também finalização deste piloto, em junho de 2021. A produção incluiu equipe reduzida e também viagens restritas, mas foi realizada com segurança e qualidade. O episódio final ficou com um pouco mais de 14 minutos e está disponível neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=vBFYbjJ731Q>.

"A oficina de audiovisual foi uma experiência que eu vou levar comigo para vida toda, eu aprendi e observei como funciona uma gravação de um documentário e de um filme. Eu gostei muito de aprender a mexer em uma câmera profissional, montar e desmontar uma câmera, gostei muito de usar o Zoom H6 e auxiliar com a iluminação. Curti muito ter participado da oficina, ter conhecido novas pessoas e fazer novas amizades. A oficina me fez ter outra visão sobre a cultura, comecei a querer participar mais, curti todas as aulas da oficina, aprendi muito e agora que acabou vou começar a ver vídeo e estudar, tentar aprender mais sobre audiovisual. Agradeço muito por ter tido a oportunidade de participar."

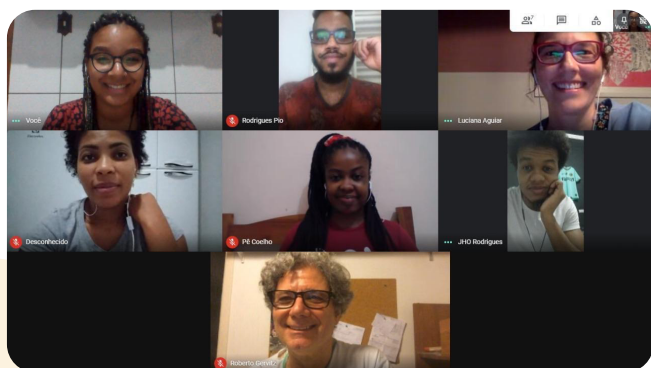
Kaique Alcântara, participante da oficina, 21 anos.

As mudanças provocadas pela pandemia foram profundas, mas não arrefeceram o desejo de seguir produzindo sobre os pontos luminosos do Vale do Jequitinhonha.

Ainda que esses apoios tenham sido fundamentais para o Cinema no período pandêmico, não foi possível a manutenção de uma equipe fixa até o final de 2021. Metade da equipe passou a tocar a Carambola Filmes, projeto que coexistia e teve origem no trabalho do Cinema, uma produtora independente de audiovisual que presta serviços audiovisuais no estado de Minas Gerais e também para o Cinema Meninos de Araçuaí, mantendo-se em um grupo que passou a se chamar Coletivo do Cinema Meninos de Araçuaí.



Formação com Ana Luiza Azevedo e Teresa Assis Brasil, no segundo semestre de 2020.



Formação com Roberto Gervitz, no segundo semestre de 2020.

Filmagem do episódio piloto da Série Barro Santo, realizada em fevereiro de 2021.



“Quando se mexe com a possibilidade de construir o novo, é preciso mudar de posição para ter outra perspectiva.”

Tião Rocha

Cooperativa Dedo de Gente

Desde 1996.

Curvelo, Araçuaí e Raposos/ MG



A Cooperativa Dedo de Gente é formada por diversas fabriquetas de economia solidária, dirigidas por jovens e adultos que juntaram seus esforços e energias para promover desenvolvimento humano e profissional.

Quando ingressam na Dedo de Gente, jovens dessas cidades participam de uma formação pedagógica e técnica continuada e passam a integrar fabriquetas de economia solidária, de acordo com as afinidades e disponibilidade. Nelas, aprendem um ofício e encontram espaços de diálogo, convivência, criação e estímulo ao protagonismo. Em cada fabriqueta há mestres e todos são aprendizes.

O ponto de partida das formas criadas nas diferentes fabriquetas é a cultura das Minas Gerais, o protagonismo do jovem e o respeito ao meio ambiente.

As fabriquetas vão desde a produção audiovisual, jardinagem, marcenaria, serralheria, doces, geleias e licores, tinta de terra, casinhas de passarinho e cartonagem.

Em 2020, com a pandemia, a Dedo de Gente viveu tempos de reinvenção. Além do dia a dia das fabriquetas ter sido suspenso por um tempo considerável, limitando de forma significativa a capacidade de produção,

os processos de venda viveram mudanças importantes.

Com as lojas fechadas, as vendas online ganharam força a partir de estratégias como: 1) o apoio de personalidades do mundo digital que divulgavam os produtos de forma orgânica, 2) a parceria com outras organizações e empresas para divulgar produtos junto a nichos de mercado e 3) um investimento em produtos que atendessem ao desejo de tornar o ambiente das casas mais agradável, funcional e belo. Um exemplo foi a divulgação feita por revistas e clubes de vinho de uma das mesas criadas - a mesa taça - que impactou de forma muito positiva as vendas e contribuiu para a sustentação financeira da Cooperativa. Tais estratégias passaram a fazer parte dos planos da Dedo de Gente, desde então.

Em 2021, mudanças mais profundas aconteceram por conta do momento pandêmico: a fabriqueta de produção audiovisual, em Araçuaí, deixou de ter uma equipe fixa. A fabriqueta de Jardinagem em Raposos foi encerrada. Da mesma forma, a fabriqueta de Softwares entrou em processo de reestruturação para entender novos caminhos para si e para o mercado que pode encontrar com seus serviços. Em contrapartida, Curvelo abriu uma fabriqueta de Jardinagem com a participação de mulheres detentas, entendendo desejos dos jovens e da comunidade como uma nova possibilidade de compromisso ambiental com a cidade.

Ainda, novos ventos sopraram na forma de parcerias, especialmente na unidade de Curvelo, que incluíram a formação de detentos e detentas (em atuação conjunta com a Unidade Prisional de Curvelo e o Ministério Público) e a visita de escolas ao espaço físico das oficinas mostrou como a Cooperativa funcionava para a comunidade, com vivências da metodologia e também do espaço. Ambos os momentos foram muito importantes para a equipe e para a comunidade.

Em 2021, uma parceria com o SENAR trouxe capacitação técnicas e novas habilidades para a Dedo de Gente, na forma de cursos de reciclagem, de serralheria, equipamentos de proteção individual e de produtos dietéticos. Na parte metodológica, a volta aos encontros presenciais com mais segurança provocou um aprofundamento das reflexões dos

jovens sobre seus ofícios e sobre o momento que viviam, de reconexão e reinvenção.

Especialmente no período de isolamento, as unidades da Dedo de Gente sediaram lives solidárias com músicos locais - como Michael Stephan, Michel Lopes, Lucas Fagner e Leandro Marques, amigos de São Judas (Valquíria e Dj Alessandro, Antony e Léo, Pe. Douglas e Pe. Ruy) em Curvelo e Luciano Tanure e Tony França em Araçuaí - para arrecadação de recursos e doações para organizações dessas cidades. Foram beneficiadas organizações como o Lar dos idosos da cidade de Curvelo e Corinto, Casa Paroquial de São Judas Tadeu em Curvelo e o projeto social “Abraça quem Precisa”, em Araçuaí. Em Raposos, em junho de 2020, a Dedo de Gente mediu com todos os cuidados necessários a distribuição de 102 cestas de alimentos, doados pela Associação Nacional dos Funcionários do Banco do Brasil e o Instituto Viva Cidadania.

Alguns números

03
Cidades

33
Jovens
cooperados

Renda
média mensal
R\$ 1.243,00

+280
produtos
criados

Empório Solidário

De 2003 a 2005.

Desde 2021.



A partir da experiência pandêmica, o CPCD reativou junto a Prefeitura Municipal e entidades parceiras locais o Empório Solidário, iniciativa que foi criada e desenvolvida em Araçuaí, para atender com dignidade à entrega de alimentos às famílias da cidade, no contexto do Programa Fome Zero. Modelo de política pública não-estatal no campo da segurança alimentar e nutricional de populações vulnerabilizadas, de caráter exemplar, implementada em Araçuaí, entre 2003 e 2004, quando foram entregues mais de 1 tonelada de alimentos para 200 famílias beneficiadas. Tornou-se tecnologia social certificada e premiada pela Fundação Banco do Brasil desde 2005, sendo mais que um novo modelo de distribuição de alimentos: significando na prática, o pleno exercício de cidadania e solidariedade, em um espaço digno para retirada de alimentos.

O Grupo Gestor criado realizou um cadastro único e selecionou as famílias a serem beneficiadas, evitando que algumas fossem beneficiadas mais de uma vez, por diferentes programas, enquanto outras não tinham acesso a nenhum tipo de auxílio. As famílias têm sido acompanhadas regularmente pelo Grupo Gestor, possuem um cartão magnético individual com seu nome, RG e código de barras e um software que controla retiradas, monitoramento das ações e cadastro dos beneficiários do Empório. Em contrapartida as

famílias beneficiadas participam de oficinas de formação, geração de renda, alimentação saudável, para que as famílias possam encontrar outras alternativas econômicas e de promoção de saúde e segurança alimentar. Além de itens básicos de alimentação, as famílias recebem também verduras, legumes, ovos, leites, itens de higiene pessoal e de proteção pessoal, além de “mimos”, como livros, brinquedos, material escolar, etc. O Grupo Gestor é formado pelo CPCD, Prefeitura Municipal de Araçuaí (com as Secretarias Municipais de Saúde, Educação, Desenvolvimento Social e Desenvolvimento Econômico Sustentável), Pastoral da Criança, Cáritas Diocesana de Araçuaí, Rotary Club de Araçuaí /Interact Club de Araçuaí e o Grupo Espírita Obreiros do Bem.

Em 2021, foram atendidas **444 famílias**. As doações foram feitas com recursos financeiros da Fundação Itaú Social.

“Vocês não sabem o quanto me ajudaram. Já estava ficando sem alimento em casa. Mas Deus é tão bom, que ouviu minhas preces e logo recebi a ligação de vocês. Tem muita gente que reclama do que ganhou das cestas, porque sempre vêm os mesmos itens, mas essa é uma beleza. Tanta coisa diversificada, e tem até água sanitária, papel higiênico. Que Deus continue abençoando vocês e isso que fazem, será recompensado em dobro pelas graças de Deus.”

Rosemara dos Santos Pereira, Beneficiária

“Meu nome é Elizabeth Gonçalves, sou coordenadora paroquial da Pastoral da Criança de Araçuaí, que é uma das instituições que faz parte do Grupo Gestor do Empório Solidário, que idealiza e constrói junto este projeto. Tenho a dizer que é um projeto maravilhoso, e que foi possível iniciar a partir da parceria entre o CPCD com o Itaú Social, e que está sendo de suma importância para muitas famílias do nosso território. Estou como voluntária na entrega dos alimentos e, enquanto eu fazia isso, pude visualizar rostos felizes e agradecidos. Não existe outra palavra que não seja gratidão. Meu depoimento é apenas para agradecer como coordenadora, e como cidadã, pois estou muito feliz por cada uma daquelas pessoas que foi receber e que agradeceu muito pelos alimentos recebidos. Muito obrigada!”

Elizabeth Gonçalves – Coordenadora da Pastoral da Criança - Membro do Grupo Gestor do Empório Solidário

Sítio Maravilha - Centro de Permacultura do Vale do Jequitinhonha

Desde 2005



Uma das estratégias centrais da Plataforma Arasempre é a utilização dos princípios da permacultura (planejamento, atualização e manutenção de jardins, hortas, viveiros e propriedades rurais ambientalmente sustentáveis, socialmente justos e financeiramente viáveis) para gerar renda, melhorar a qualidade do que é produzido e preservar recursos naturais, em especial a água.

Para ser referência e laboratório vivo de experiências de convivência com o semiárido, foi criado o Sítio Maravilha – Centro de Permacultura do Vale do Jequitinhonha, um oásis de possibilidades plantado no semiárido.

O Sítio produz uma média de 11 toneladas/ano de alimentos em culturas diversificadas como: banana, abóbora, quiabo, berinjela, laranja, abacaxi, acerola, seriguela, manga, jiló, feijão, mandioca, além de muitas variedades de verduras e temperos. A produção sai do Sítio diretamente para abastecer projetos sociais do CPCD e da Ação Social, beneficiando diariamente mais de 250 crianças, adolescentes e idosos.

Mais de 50 tecnologias de Permacultura e de Bioconstrução são experimentadas, mantidas e aprimoradas cotidianamente no Sítio Maravilha. O Sítio aplica tecnologias para produção de alimentos, manejo racional das águas, saneamento ecológico e bioconstrução.

A cada ano, o Sítio recebe cerca de 200 pessoas em cursos, oficinas, visitas guiadas e estágios supervisionados relacionados às tecnologias permaculturais e educação do campo.

Entre 2020 e 2021, o Sítio garantiu o abastecimento de verduras e alimentos para famílias do Ser Criança e também para a Ação Social Santo Antônio. A produção foi de **16 toneladas de alimentos**, gerando uma economia de aproximadamente R\$ 50 mil.

Nesse período, o Sítio vivenciou saltos importantes, como a implantação de um sistema de tratamento de água para consumo. Para implantação do sistema foi necessário o envolvimento de toda a equipe, que junto com o consultor agrônomo Carlos André, montou o sistema das caixas e também realizou adequações necessárias para seu perfeito funcionamento e o fornecimento de água tratada na cozinha e nos banheiros do sítio.

A equipe do Sítio Maravilha realizou inúmeras formações com a equipe de outros projetos e plataformas do CPCD, em especial com a equipe de educadores do Projeto Barra Longa: Presente do Futuro Saudável. A formação aconteceu em cinco módulos e representou um momento importante de adaptação das formações, diante da pandemia. A equipe que recebeu a formação de permacultura aderiu às práticas permaculturais dentro do contexto em que vivem.

“No Sítio Maravilha, um resultado é o otimismo da gente: a gente saber o que a gente é capaz, profissional e emocionalmente, e esse resultado nos anima a dar continuidade e a dar outras batalhas, a trabalhar com desafios. Essa preparação já é um resultado para mim.”

Celso Souza, Educador e permacultor

Mesmo com as dificuldades e a situação financeira, a gente ainda conseguiu desempenhar as funções que estávamos responsáveis. Teve muita luta, dedicação e coragem. A gente não deixou que ficasse a desejar e dentro do possível a gente conseguiu concluir tudo. No Sítio Maravilha, a situação não ficou ruim: a gente teve uma alta produção.”

Celso Souza, Educador e permacultor

Projeto Vale Água, Vale Vida

Desde 2018



Desde 2018, o projeto Vale Água, Vale Vida trouxe noções e práticas concretas para o cuidado com a água para 329 famílias de comunidades da Chapada do Lagoão e Chapadinha, em Araçuai/MG.

Com ações de manejo ambiental na APA Chapada do Lagoão, uma verdadeira “caixa d’água da cidade”, o projeto priorizou a proteção de nascentes, a construção de barragens e a realização de atividades agrofloreais em parceria com a comunidade local. Para se

compreender a importância dessa preservação, a área abriga 139 nascentes.

Como parte da Aliança Água + Acesso, formada por Instituto Coca Cola Brasil, Fundação Avina, WTT, Instituto Iguá e 13 organizações parceiras, o projeto promoveu ações de melhoria dos sistemas de distribuição e tratamento de água e implantação de sistema de gestão comunitária da água, levando água segura de forma mais justa e igualitária às diversas comunidades rurais. Promoveu a realização de formações de monitoramento e análise de qualidade da água e uso de tecnologias de tratamento da água de baixo custo como SODIS e alfaquit.

Alguns números

05
nascentes
cercadas

03
barragens de
produção

03
sistemas de
distribuição de
barragem

15
banheiros
secos

970
pessoas
beneficia-
das

115
filtros de bar-
ro doados

01
fossa biodi-
gestora cons-
truída

33
barraginhas
de coneteção

329
famílias
beneficia-
das

25
manejos de
irrigaçã cons-
truídos

7000
mudas
produzidas e
plantadas

Como resultados, aconteceu a melhoria na qualidade da água de beber a partir do monitoramento participativo de qualidade da água, a mudança dos hábitos de cuidado com a água (uso do hipoclorito, desinfecção solar, etc.) e o aumento de 39% no número de famílias adotando as tecnologias de tratamento. Houve o fortalecimento da pauta sobre saneamento básico rural e acesso à água segura com poder público, instituições locais e lideranças comunitárias, melhorias de infraestrutura nos sistemas e melhoria na qualidade da água, além do aumento do volume hídrico disponível para as famílias nesta zona rural.

Melhorar a qualidade da água para beber foi possível a partir do trabalho educacional feito pelas Agentes nas comunidades rurais. Elas visitaram as casas e levaram informações sobre os cuidados necessários com os reservatórios e filtros e também sobre tecnologias simples de tratamento da água.

“Há trinta anos, quando ainda não se falava tanto da falta de água, quando os rios pareciam nunca secar, aqui a gente sofria pela falta de água: não podia ter plantações e criar animais porque a água era pouca. Hoje, depois dessa escassez de água no mundo todo, com os projetos feitos entre comunidade e organizações como o CPCD, posso dizer que temos água em abundância! Então essa história foi o inverso... Quero dizer que aqui somos muito gratos ao CPCD, que há quase dez anos nos ajudou na construção de uma barragem e desde então nunca mais sofremos com a falta de água. O projeto deu tão certo que depois dessa, outras foram construídas aqui na região sempre com o CPCD buscando recursos e participando sempre do começo ao fim.”

Edy Carlos Pinheiro, Comunidade das Tesouras

“Falar da água é falar de vida. Antes a gente vivia sem água, tinha que buscar água longe, tinha algumas nascentes, mas com muito pouca água para a quantidade de pessoas. Nós já passamos muito apertados sem água. O CPCD chegou na nossa comunidade, e agora todo mundo tem caixas de captação de água nas suas casas. Hoje temos condição de plantar, de termos uma horta farta e bonita no nosso quintal, nos proporcionando uma alimentação saudável.”

Zene Lopes Faria - Núcleo Maranhão/
Cruzinhas

“A convivência no semiárido não vou falar que é fácil, mas aprendemos a conviver com essa realidade e acaba se tornando tranquilo. (...) O CPCD é uma entidade que tem nos ajudado muito construindo barragens, caixa para captar água da chuva, e o mais importante, nos ensinando a cuidar da pouca água que temos.”

Sidinália Alves, Comunidade das Tesouras

“Aqui na comunidade Malhada Preta, existe uma nascente que atende 27 famílias. Antes essa nascente não era cercada, animais pisoteavam... Com o projeto e com a ajuda de parte dessas famílias, conseguimos cercá-la. A vazão aumentou muito e mais uma vez o projeto Vale Água, Vale vida nos ensinou como cuidar da água, fazer o tratamento com SODIS e hipoclorito. Hoje bebemos água potável de boa qualidade, porque todas as famílias são bem orientadas a cuidar da sua própria água”.

Simar Gonçalves, Comunidade Malhada Preta

“Antes do Projeto Vale Água, Vale Vida na minha comunidade, nem se mencionava o cuidado com a água, até porque o foco era outro: a falta de água. Agora é diferente, mesmo com a pouca água que temos, temos a consciência que essa água tem que ser cuidada, tem que ser tratada.”

Ester Costa, Comunidade Calhauzinho das Neves/ São José

“Aqui na Malhada Preta tem uma senhora chamada Ana Gomes, ela tem 85 anos e todos os dias ao levantar a primeira coisa que faz é encher as garrafas e colocar no sol para fazer o SODIS (desinfecção solar). Ela fala que com a saúde não se brinca e que ainda quer viver muito mais. E pelo jeito, forte como está, saudável e cuidadosa vai viver mesmo”.

Maria José Gonçalves, Comunidade Malhada Preta

“Nós estávamos com tanta vontade de encontrar o pessoal do projeto para falar como estamos satisfeitos e o quanto a barragem que foi construída aqui tem nos ajudado. Este ano, nós não compramos verduras e hortaliças, pois colhemos aqui do nosso próprio quintal, graças a água da barragem. Colhemos cebola, cenoura, alface, cana, abóbora, quiabo e estamos colhendo até hoje. É bom demais ir na horta ver tudo verdinho, tanta fartura e poder colher um alimento saudável pra nossa família e para os vizinhos também. Graças a Deus agora temos água! A água da barragem deu pra gente usar até a chegada das chuvas novamente, não fez falta pra gente”.

Emílio Alves, Comunidade das Tesouras

“Estamos vivendo este momento de pandemia e acho que o CPCD é uma pandemia também. Mas é uma pandemia do bem: o que vocês fazem tem uma grande importância e relevância inestimável, incalculável para o município de Araçuaí. E este movimento, esta corrente do bem pode ir muito mais além, ninguém sabe onde vocês poderão chegar”.

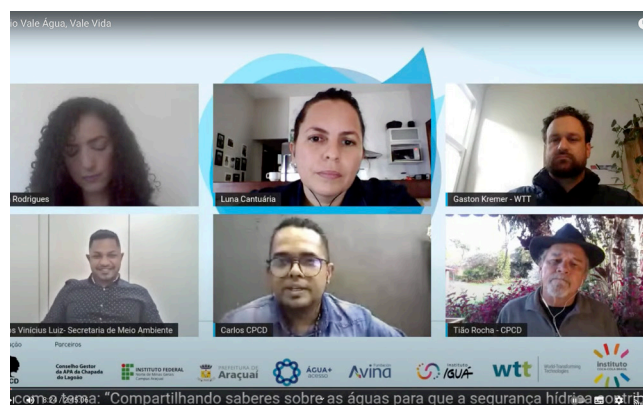
Marcos Vinicius Luiz, Secretário Municipal do Meio Ambiente de Araçuaí

“Eu acho que as pessoas mudaram a relação delas com a água: começaram a olhar a água de uma forma diferente, a cuidar do filtro, a usar hipoclorito, a saber a importância de ter uma nascente cercada, de não ter gado na nascente e elas se conscientizaram da importância da água segura. Para ter água segura a gente precisa de uma comunidade saudável.”

Edilúcia Borges, Educadora

Seminário Vale Água, Vale Vida

<https://www.youtube.com/watch?v=p1VLqfa7mbA>



O Projeto Vale Água, Vale Vida juntamente com o IFNMG - Campus Araçuaí, parceiro do projeto, realizou entre os dias 16 e 23 de junho de 2021 o “Seminário Vale Água, Vale Vida” que teve o intuito de compartilhar saberes e aprendizados sobre o acesso à água segura e saneamento básico; e mais do que isso, contribuir com o desejo de trazer estes temas para as pautas e espaços de debates dentro do município de Araçuaí/MG.

O Seminário aconteceu em 2 fases: primeiro 114 pessoas debateram, refletiram, trocaram experiências e saberes através de fotos, vídeos, opiniões e sugestões em um grupo de WhatsApp. Com base nesse material

foi realizado no dia 23 de junho de 2021 de forma virtual a Mesa Redonda com o tema: “Compartilhando saberes sobre as águas para que a Segurança Hídrica contribua para a Paz e o Desenvolvimento nos territórios de Araçuaí/MG”, com transmissão via Youtube, como Tião Rocha (CPCD), Gaston Kremer (Aliança Água + Acesso), Marcos Vinicius Luiz (Prefeitura Municipal de Araçuaí), Sheila Rodrigues e Luna Cantuária (IFNMG - Campus Araçuaí). A live foi acessada por mais de 400 pessoas e contou com ampla participação das comunidades. Falas dos participantes atestam a riqueza da prosa.

“A água não mente e o grande trabalho do Vale Água, Vale Vida foi aguçar esse olhar para a água, entender o que ela fala, qual a mensagem que ela traz. É fundamental poder fazer isso, porque a água consegue se conectar a tudo, a água não só diz sobre ela, mas sobre como eu cuido da terra, dos ambientes de urbanização ou como a indústria está funcionando... e quando que a água vale vida? O projeto em si, a partir da oportunidade do recurso, ele nos permitiu conectar e potencializar saberes... que nos permitiu ousar e enxergar que era preciso ir além, e que a experiência de Araçuaí podia colaborar com isso... É importante cada um se responsabilizar de forma adequada e usar os instrumentos que estão aí.”

Carlos André Pereira, Educador e consultor técnico

“Há uma potência e uma oportunidade linda em Araçuaí de criarem soluções, para que as comunidades rurais do município possam ter acesso a uma água segura, com constância.(...) Uma das coisas que o CPCD ensinou muito para a Aliança foi que a dinâmica de um sistema centralizado é importante, funciona bem para dar unidade na comunidade, mas em alguns lugares, em função do terreno, a solução unifamiliar por ser melhor. Então lidar com essa diversidade atende a este desafio da complexidade e da implementação e manutenção desse sistema. Aí vem uma coisa bem importante também: que tipo de água estamos bebendo? É uma água barrenta, fazendo com que as pessoas não consigam ir trabalhar? Ou ir para escola? É uma série de desdobramentos desta história e por isso ela tem que ser também considerada como prioritária. A gente estava olhando para o acesso de forma isolada, e ele tem que ser visto de forma colada com essa da qualidade. E aí a gente tem também os desafios da gestão, para entender que essa qualidade permanece ao longo do tempo... “

Gaston Kremer, WTT – World Transforming Technologies

“A gente faz uma busca permanente, a gente tem colocado essas ideias e estamos tentando mostrar a experiência em Araçuaí, esse somatório de iniciativas articuladas. Neste momento estamos pensando em fundos comunitários para que a gente possa gerar recursos e somar com o poder público, a sociedade e as instituições para garantir as possibilidades para essas iniciativas. Nós somos movidos a causas e essa causa vale a pena: garantir que Araçuaí seja sustentável em todos os aspectos.”

Tião Rocha

“Nós somos uma instituição de educação, mas não somente, de tecnologia também. E o CPCD também é uma instituição de educação e também de tecnologias sociais, como o banheiro seco, as várias de captação da água... acho que o casamento do Instituto com o CPCD já é bem consolidado, inclusive em outras áreas (no Cinema, o Seiva CineClube), mas neste projeto (Vale Água, Vale Vida) a gente pode trazer esse letramento em ciências da natureza, ele traz um empoderamento e as pessoas se engajam mais em uma linguagem mais relacionadas ao dia a dia.”

Luna Cantuária, IFNMG

“Fiquei muito feliz em ouvir vários retornos sobre a interação que houve em todos esses dias com as comunidades, da zona rural, que não só acompanharam, mas também executaram ações.”

Marcos Vinicius Luiz, Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Araçuaí

“O que nós temos feito no projeto é a divulgação de artigos científicos e de legislação em uma linguagem mais próxima das pessoas... temos aprendido demais. O IFNMG precisa também estar engajado na causa de salvar o Rio Araçuaí.”

Sheila Rodrigues, IFNMG

“Agradeço imensamente a oportunidade gerada, junto com o CPCD, Aliança e IFNMG, a gestão municipal tem a oportunidade de inovar de forma responsável, sustentável!”

Aline Carmona, Prefeitura Municipal de Araçuaí

“A gente fez seminários, a gente conseguiu ter associações com poder público municipal e outros parceiros - a Cáritas, o Instituto Federal juntos numa mesma pauta - e eu fiquei pensando como a gente poderia avançar nessa questão da mobilização. Acho que há um tempo atrás a gente fazia um trabalho mais sozinho nas comunidades e agora a gente trabalha mais com as associações e eu acho que eu tenho que aprender muito para colaborar mais com os parceiros, com as associações, com mais pessoas ali, isso fortalece muito a nossa causa e dá resultado para as comunidades.”

Edilúcia Borges, Educadora

“Desenvolvimento é geração de oportunidades.”

Tião Rocha

REGIÃO DO RIO DOCE/ MINAS GERAIS

Projeto Barra Longa: Presente do Futuro, Saudável

Desde 2017



Fazer de Barra Longa um lugar para se viver melhor, no presente e no futuro e tornar-se referência em qualidade de vida para os territórios que ainda vivem, muito fortemente, o presente do passado, decorrente do rompimento da Barragem de Fundão (novembro, 2015) e todas suas consequências. Iniciado em 2017, fruto da parceria entre a Fundação Renova e o CPCD, a proposta teve como estratégias de atuação o reconhecimento do território, a formação continuada de 20 agentes comunitários, levantamento do “lado luminoso” da comunidade, realização de georreferenciamento, mobilização do público alvo e apresentação do trabalho da instituição. Pode-se dizer que o CPCD passou a ser reconhecido e estimado no município, junto ao poder público e, principalmente, junto à população urbana e rural: as marcas nos muros e fachadas da cidade pintadas com tinta de terra, nos quintais, agora chamados de quintais saudáveis, nas ações de mobilização para as questões ambientais e culturais, sessões de cinema e saraus. Com a comunidade, realizamos projetos conjuntos importantes, como o Festival de Pipas, Festival de culinária, além de diversas oficinas comunitárias com escolas e comunidades, aplicação de diversas tecnologias de permacultura, a costura de

parcerias importantes junto a muitos “pontos luminosos” da cidade.

A partir de março de 2020, com todos os desafios da pandemia, o projeto se readaptou para estar presente e apoiando a equipe local e toda a população, desenvolvendo o sentimento de solidariedade e compaixão e criando maneiras diferentes e inovadoras de acolher, proteger e manter a esperança de dias mais saudáveis e melhores por meio de oficinas virtuais, atuação local dentro dos protocolos de segurança sanitária e via redes sociais, em especial o WhatsApp, que tornou possível alcançar o público com cuidado e carinho.

“Quando o projeto chegou aqui na nossa comunidade, para nós foi novidade e fomos pegadas pela curiosidade. À medida que começamos a participar das oficinas, percebi que comecei a conviver mais com as pessoas da comunidade. Foram momentos gostosos com as pessoas do nosso bairro, que muitas das vezes ficavam muito ocupadas em casa e era mais difícil se reunir. Através do projeto começamos a nos encontrar aqui na Volta e fazer coisas juntas. Tem até um grupo grande de WhatsApp de mulheres! A gente ri, brinca, troca informações, uma apoia a outra e aprende. O que mudou na nossa vida foi a convivência: passamos a ter melhor. Foram momentos de lazer, o projeto para a gente foi aprendizado, ensinar e aprender porque é isso que acontece no projeto”.

Andreia Mendes Anunciação, moradora do bairro Volta da Capela, Barra Longa

Alguns números

522 h
formação
continuada
do time

2.299
mudas de
árvores

1.1170
mudas de
hortalíças

1.447
máscaras
produzi-
das

182 h
formação
em perma-
cultura

364
pessoas en-
volvidas em
ações solidá-
rias

03
catálogos
produzi-
dos

146
podcasts
produzidos

22
rodas com
professores

94 h
formação
Bornal de
Jogos

144 h
manejo de
viveiro

20
grupos de
de whatsapp
ativos

17
novos
quintais
saudáveis

05
sessões de
cinema

118
espectadores
no cinema

35
vídeos pro-
duzidos

29
oficinas Bor-
nal de Jogos

74
participações
na rádio co-
munitária

34
jogos do
Bornal cria-
dos

87
pontos es-
tratégicos

450
litros de
sabão produ-
zidos

“O projeto trouxe grandiosos benefícios para a nossa comunidade. Para mim gerou oportunidade de colaboração e eu pude desenvolver melhor um trabalho que eu já fazia (‘Janela literária’). A saída causaria desemprego, prejuízos para as pessoas que moram aqui e nas comunidades rurais que o projeto está atuando, perda de vínculos com a comunidade. Realmente pegaria Barra Longa de surpresa”.

Geraldo Pimenta (Birrália), morador de Barra Longa

“Descobri que existem outras maneiras de estar presente e era uma coisa que já estava nas entrelinhas, porque a gente sempre buscou deixar um legado. E agora voltando presencialmente a Barra Longa, às vezes eu não lembro de algumas pessoas mas elas se lembram de mim porque de alguma forma essa presença ficou marcada para elas.”

Onésima Mourthé, Educadora

“Enquanto gestora da Saúde, o projeto foi de suma importância. A interação entre mães e bebês foi de muita importância para as nossas gestantes. Havia mães que não se lembravam mais de algumas maneiras e técnicas para ajudar os bebês na hora do banho, das cólicas e até mesmo na hora de dormir. Elas sempre comentavam comigo, enquanto gestora: ‘Nossa, que coisa boa! que diferente esse projeto, foi ótimo aqui para nós.’ Muitas vezes as mães iam para as consultas e acabavam nem conversando. Os encontros de grupos promoveram diálogo entre as mães, trocas de experiências, muitos aprendizados e, além de tudo, uma cultura medicinal muito rica. Na pandemia, o jeito de cuidar da comunidade, apoiar a saúde e aquela ação da distribuição dos kits de proteção foi uma ideia genial.”

Raquel Aparecida Gomes Gonçalves, moradora de Barra Longa

Quintais Saudáveis de Barra Longa

Desde 2021



O trabalho intensivo referenciado na permacultura tem estrita relação com o Projeto Quintais Saudáveis de Barra Longa. Em 2021, o projeto-piloto previu a recuperação e revitalização de 15 quintais, em 6 meses, integrando tecnologias permaculturais e bioconstrutivas para melhorar as condições de vida e a capacidade produtiva de famílias que vivem à beira do Rio Gualaxo com o objetivo de “recuperar a vontade dos moradores de cuidarem dos seus quintais, dedicando tempo e terem a convicção de que deste solo poderão ser colhidos alimentos saudáveis, beleza além de excelente atividade terapêutica”.

O projeto Barra Longa Saudável foi fundamental para o sucesso dos quintais, a adesão das famílias participantes e para o alcance de seus resultados, pois tratam-se de ações articuladas e integradas, contínuas e mobilizadoras, fundamentais para a consolidação de ambos os projetos. Nele foram pensadas a implantação integrada de diversas tecnologias de permacultura e bioconstrução, considerando os diferentes portes e áreas dos quintais:

- Horta circular ou fechadura, espiral de ervas e repelentes ou temperos, bordadura com flores, suculentas ou bromélias que contribuem com a produção de solo
- Círculos de bananeiras, mamão, coco, café e outros cultivos, pomar consorciado com leguminosas, plantio de grãos (milho e feijão, etc.)
- Plantio de nativas (adicionando amoras e condessa) para formar pequenos corredores ecológicos. As frutas pequenas servem também de alimentos para peixes e pássaros, criação de abelhas sem ferrão, composteira, minhocário e lago de peixes, criação de pequenos animais: galinha, codornas, peixes, porcos.

Alguns números

03 pontos pintados com tinta de terra

350 berços para plantio de árvores

02 quintais com curva de nível

02 buracos de lixo

50 cartões de tinta de terra

450 L calda, biofertilizantes e repelentes

01 Tevap

800 litros de chorume

01 canteiro econômico

87 L sabão líquido produzidos

14 quintais cobertura morta

08 L sabonete líquido produzidos

15 novos quintais saudáveis

02 tanques de peixes

05 quintais cobertura verde

01 canteiro suspenso

30 gotejadores artesanais

04 caixas de captação de água

15 pluviômetros

08 sistemas de captação de água

05 quintais c/ plantio

2m³ preparo substrato

02 círculos de bananeira

200 pelotas de dementes

04 quintais cercados c/ tela

“Os benefícios que estou vendo de participar desse projeto é que estou conhecendo muitas plantas que não conhecia e que foram plantadas no quintal de meu pai. A captação de água também é nova pra mim e me inspirou a usar essa tecnologia depois que vi a caixa de água que vocês fizeram e valeu bastante pra mim nesses últimos dias. Foi vendo o projeto e a água escorrendo aqui na lona da minha casa e logo lembrei que tem jeito de reaproveitar. A necessidade obriga a gente a inventar um jeito e o que tive na hora foi adaptar esse sistema simples, prático e valeu bastante. Obrigado.”

Lindomar Tomaz , morador de Barra Longa

“Meu quintal era uma maravilha: tinha horta aqui, pra lá, no final era mandioca e fruta, bananeira, pé de goiaba , manga miúda, manga rosa, até lichia. Ficava sentada na beira do rio com os meninos, até pescava. Mais embaixo, perto do rio, agora onde eles(RENOVA) colocaram a cerca tinha muito tomatinho, taioba, inhame, chuchu. Tudo que eu quero é meu quintal de volta. Eu quero e quero muito..... Tudo que for bom, que quiser fazer no meu quintal , eu quero. Gosto de rosa e flores. A flor deixa a gente feliz.”

Odete Cassiano Martins, moradora de Barra Longa

Projeto Júpiter

Desde 2020



O projeto foi criado para formar 100 jovens lideranças - “Júpiteres” - para atuarem de forma positiva, propositiva e protagônica na construção de comunidades saudáveis e na revitalização da bacia do rio Doce. O projeto previu articulações institucionais, a mobilização dos diversos segmentos comunitários locais, em torno da causa, para percorrer os caminhos, lugares e instituições por onde passam os jovens e aprender como frequenta, vive e convive a maioria dos jovens de 15 a 29 anos dos territórios de Barra Longa, Mariana, Ponte Nova, Santa Cruz do Escalvado e Rio Doce.

Ao longo da execução do projeto buscou-se trabalhar, a partir dos aspectos pedagógicos e metodológicos do CPCD, conteúdos pertinentes para a reflexão-ação-reflexão, incentivando a mobilização e a ação sobre a dimensão cultural e social da questão ambiental da revitalização da bacia do Rio Doce. Também foi trabalhada pelas educadoras a inserção e apropriação pelos jovens participantes, visando promover o engajamento juvenil e comunitário em temas socioambientais contemporâneos, tendo como lócus original e propagador, os territórios e os coletivos.

Durante os anos de 2020/ 2021, foram 80 horas de

formação metodológica à distância, entre outras ações, que culminaram com a seleção de 7 projetos juvenis representando 04 dos 05 municípios previstos para atuação. O projeto foi o único que teve início em regime virtual, o que afetou prazos previstos e representou um enorme desafio para a equipe.

A etapa de Mapeamento, Diagnóstico e Marco Zero foi possível com a integração dos jovens que contribuíram na Oficina de Percepção, enviando materiais que se transformaram em vídeos e foram publicados nas redes sociais. A proposta de encantamento dos jovens no cumprimento do objetivo foi contemplada com a sensibilização e envolvimento juvenil.

Para a mobilização dos jovens, a principal aliada foi a tecnologia e as redes sociais: Facebook, WhatsApp, Instagram, dentre outros. As chamadas telefônicas individuais também fizeram parte de todo o processo. As informações estratégicas e técnicas recebidas de parceiros e instituições que já haviam atuado neste território permitiram conexões e avanços na fase de mobilização, redirecionando os próximos passos e etapas subsequentes. A Plataforma virtual para a formação à distância dos jovens foi ferramenta indispensável e disponível, espaço para aprendizagens, contribuições e integração. Foram enviadas apostilas pelos correios para os jovens que não conseguiram acompanhar o processo virtualmente.

Os jovens foram progressivamente preparados para desenvolverem suas ideias na forma de projetos, que foram propostos a um edital ao final de 2021. Os projetos que foram desenvolvidos, aprovados e executados com o apoio do projeto foram:

Projeto Plantando Vida ***Amanda Gois - Barra Longa / MG***

A proposta visa a educação ambiental e a mobilização da comunidade em torno do plantio de árvores e da recuperação da vegetação em morros, ruas e quintais. As principais atividades são: produção, tro-

ca e plantio de árvores frutíferas e nativas, realização de feiras para cadastro, divulgação e troca de mudas e sementes.

Projeto Renascer para Sobreviver ***Larissa Barreto e Magna Patrícia - Barra Longa/MG***

Objetivo é revitalizar a nascente principal da comunidade de Açude a partir da conscientização dos moradores sobre sua importância. As jovens responsáveis pela elaboração e execução do projeto nasceram e cresceram na comunidade e viram a degradação da nascente ao longo dos últimos anos. As ações vão desde oficinas de plantio e cuidados até rodas de conscientização com as crianças. A meta é resgatar o cuidado e o valor da nascente para comunidade e envolver todas as famílias neste processo.

Projeto Mata Ciliar do Cafundão ***Janaína Araújo - Mariana/MG***

Cafundão é o riacho que corta a comunidade com o mesmo nome, próximo ao povoado de Cachoeira do Brumado. A jovem idealizou o projeto ao perceber que as casas muito próximas ao córrego acabaram por destruir totalmente a mata ciliar, comprometendo o futuro do riacho. A proposta do projeto é envolver a comunidade em mutirões de produção de mudas e plantio às margens do córrego, bem como o georreferenciamento e acompanhamento das árvores plantadas até que cresçam.

Projeto Tuim da Barra ***Andreia Mendes - Barra Longa / MG***

Visa resgatar um pássaro que foi símbolo da cidade, o Tuim, que após o desastre da barragem desapareceu da área. O projeto envolve pesquisa, busca dos pássaros remanescentes, construção de fontes e comedouros, promovendo um ambiente ideal para que eles voltem a voar pela comunidade.

Projeto Costura do Bem *Eder Soares - Rio Doce / MG*

Elaborado por um coletivo juvenil bastante engajado da cidade, é um projeto de empoderamento comunitário, protagonismo e valorização de saberes e da cultura local, voltados ao convívio e à solidariedade. A Costura do Bem contempla atividades de geração de renda através da criação de um ateliê de costura e investimento na formação de 30 mulheres.

Dossiê Porto Plácido *Heloar Rodrigues - Santa Cruz do Escalvado/MG*

Apresentado por uma jovem que não nasceu na comunidade referida, mas que ao se mudar para lá se encantou com as tradições e a cultura local. O objetivo principal é registrar manifestações culturais, para preservá-las e garantir que as gerações futuras as conheçam. Envolve pesquisa, sistematização e um registro em forma de exposição e livreto. Essa pesquisa conta com o apoio de um coletivo juvenil local

Projeto Léo Gaveteiro *Pedro Henrique Chaves - Mariana/MG*

Visa o desenvolvimento do protagonismo juvenil através das formações e da criação de um espaço para trabalho coletivo e reflexivo. Um espaço digital que tem como objetivo específico resgatar um clube de serviço - Léo Gaveteiro - ligado ao Lyons clube e direcionar a potencialidade e energia dos jovens para a solidariedade e assistência aos mais carentes. Entre as atividades, estão a capacitação de 30 jovens, mutirões e dias "D" de solidariedade, cuidados ambientais e distribuição de brinquedos e alimentos.

“Aprendi a desenvolver projetos, algo que no começo parecia muito difícil, mas o Júpiter mostrou que não é, basta se empenhar e não desistir. Por mais simples que pareça, o meu projeto está ficando muito famoso por aqui e sinto-me orgulhosa.”

Andreia Mendes, 28 anos, Barra Longa

“A participação no projeto Júpiter foi de altos e baixos, como esses últimos anos foram para todos nós. Porém, o projeto pôde nos alimentar com esperança de dias melhores e sendo protagonizado por jovens da bacia do Rio Doce. Todas as adaptações durante o processo, o carinho e o acolhimento da equipe do CPCD foram muito importantes para chegar aqui. Foi muito rico poder encontrar e conectar com outros sonhadores e com outros construtores do amanhã. Graças ao Júpiter eu, juntamente com toda equipe do Grupo Semear poderemos amplificar e fortalecer o nosso trabalho”

Eder de Paula Soares, 24 anos, Rio Doce

“Acredito que podemos melhorar nossa comunidade e até nosso município, mas precisamos começar dentro de nossa casa. O projeto me fez adquirir muito aprendizado, conhecimento e muitas coisas positivas. Sinto que posso contribuir com meu lugar. Participar do projeto Júpiter foi uma experiência incrível e uma oportunidade única!”

Janaína Araújo, 25 anos, Mariana

“Eu lembro da Larissa e da Janaína, que no início não abriam nem a câmera. A Larissa teve a ideia de ir para cidade, marcar uma reunião com o prefeito... E aí já vale tudo! Também a Janaína agora conversando com gente de outras instituições, mostrando o projeto dela, com uma página no Facebook e postando foto orgulhosa do trabalho. Ela antes só digitava no chat e a gente não conseguia saber se era timidez, se ela não queria participar... é muito rico ver essa mudança. E eles viraram amigos da gente, vão fazer diferença nas suas comunidades, nas suas escolas. As três jovens de Barra Longa já se uniram, uma ajuda a outra, quando elas vão dar entrevista na rádio elas vão juntas, é bem legal!”

Silmara Soares, educadora

“Essa nova forma de viver foi bem difícil, conquistar os jovens do Júpiter foi muito difícil porque eles não conheciam a gente... a gente aprendeu essa questão da perseverança, a gente insistiu muito para os meninos participarem do Júpiter em 2021. (...) Foi bom conseguir vencer as etapas do Júpiter e chegar lá na frente com os meninos que queriam estar no projeto, na formação, aquela história de não largar a mão de ninguém. Foram poucos os meninos, mas os que ficaram com a gente iam em todas as reuniões, chamavam amigos... Outro dia, em uma conversa, o Éder falou: nossa, você insistiu tanto, ainda bem!”

Silmara Soares, Educadora

“Ser ou estar pobre é uma contingência, mexe com as coisas que nos faltam; ser ou estar miserável é um estado de espírito, afeta o sentido da vida e a alma. .”

Tião Rocha

PPPs – Apoio Pedagógico em Mariana

O Projeto de apoio à construção dos PPPs - Projetos Políticos Pedagógicos das escolas da rede municipal de Mariana incluiu a metodologia do PTA - Plano de Trabalho e Avaliação, como chave para elaboração dos Planos de Ação de cada escola.

O CPCD foi o facilitador deste processo desde agosto de 2021, através de encontros virtuais e algumas visitas presenciais e realizou de forma híbrida e presencial a formação para os pedagogos da rede, para oferecer caminhos de implementação dos PPPs em 30 escolas municipais, envolvendo mais de 100 pessoas, entre gestores e educadores da rede municipal de ensino da cidade.

SÃO PAULO/SP

Parelheiros Saudável: Territórios Abraçados Desde 2013



Tornar Parelheiros uma comunidade saudável, ética, amorosa, econômica, social e culturalmente mais humana – o melhor lugar para nascer e viver é o objetivo desta plataforma. Ela vem sendo construída em uma região onde há grandes déficits sociais, principalmente em relação às populações adultas e idosas que ainda se encontram analfabetas, marginalizadas ou excluídas da vida social, econômica e cultural destas comunidades.

As ações inspiradas pelas pedagogias e tecnologias sociais do CPCD, pelos 16 princípios da Carta Terra e pela encíclica Laudato Si se espalham por 6 bairros – Barragem, Colônia, Jardim Silveira, Nova América, São Norberto e Vargem Grande, localizadas em Parelheiros, na zona sul de São Paulo-SP. Vargem Grande, onde vivem 15 mil famílias e 50 mil moradores, abriga a sede do projeto.

A região é classificada como zona rural e como área de proteção ambiental, com a maior área verde por habitante do município, que contribui na renovação dos ares da cidade e fornece um terço das águas consumidas na região metropolitana.

A missão de fazer de Parelheiros o melhor lugar do mundo para nascer e viver é assumida pelo time de Agentes de Desenvolvimento de Comunidades Saudáveis e acontece a partir de diversas ações: Alfabetização de adultos e idosos; Permacultura em hortas comunitárias e quintais saudáveis; Pinturas de tinta de terra que embelezam casas e muros e criam uma identidade local; banco da solidariedade com trocas afetivas de saberes e fazeres; Jovens guardiões que se envolvem com os bairros em que moram e ampliam suas aprendizagens; Adoção de ruas e seus moradores; Cuidados com a primeira infância desde a barriga; Casa do Meio do Caminho, que acolhe gestantes e mães; Livros espalhados em algibeiras e mediações de leitura.

A Plataforma é hoje uma referência de mobilização, engajamento comunitário e articulação com serviços públicos e organizações locais. Este feito tem atraído parcerias e escolhas do território para o desenvolvi-

parceiros no território, em especial com o Ibeac-Instituto Brasileiro de Estudos Comunitário-, a decisão foi por suspender as atividades presenciais e manter um plantão de orientação das comunidades.

Passado o primeiro impacto, as rodas buscavam dar conta de encontrar maneiras de proteger as comunidades, reinventar modos de trabalho e manter a saúde do time, como agentes e como indivíduos: as rodas online serviam para respirar, relaxar, conversar, como escudo e casulo abrigar, informar e fortalecer, repensando planos e metas para esses novos tempos.

Foram criadas rotinas e estratégias para apoiar as comunidades, que precisavam de força, acolhimento e luzes que só o coletivo consegue trazer. O desafio foi pensar possibilidades à distância de manter vínculos entre o time e as comunidades, apoiar os participantes do Projeto e os moradores dos 6 bairros.

Além de esperança, aprendizagens e cuidados, as pessoas precisavam de alimentos, produtos de higiene pessoal, como álcool gel e máscaras para proteção, de forma urgente e imediata. O desemprego chegaria para muitas das famílias da região. Junto com o Ibeac, buscou-se fundos para ações emergenciais. Ouvindo o time, as Unidades de Saúde, as igrejas, os Centros de Educação Infantil e outros parceiros locais, foram cadastradas mais de 2.000 famílias mais vulneráveis nos 6 bairros e aconteceram doações de cartões de alimentação e cestas básicas, compradas sempre que possível na região, para fortalecer o comércio local. Essa ação emergencial foi identificada como PÃO, e a sede do Parelheiros Saudável se transformou em ponto de distribuição das doações e de informações sobre a pandemia.

Paralelamente, foram pensadas formas de acolhimento envolvendo os participantes das atividades do Projeto. A partir de um levantamento de contatos de crianças, jovens, adultos e idosos – entre alfabetizando, guardiões, participantes das ações de permacultura e do Banco da Solidariedade – começou um contato individual, para saber notícias, acolher, acompanhar, entender as necessidades, dar suporte emocional.

Foram então criados grupos temáticos de WhatsApp, rodas e conversas foram organizadas para falar de vida, esperança e cuidados, pelo facebook foram publicados vídeos com receitas de alimentos, sabão em pedra, sabonete líquido, jogos, mediação de leitura, poesias, confecção de brinquedos, pinturas com tinta de terra, plantio de alimentos e podcasts desses assuntos. Dessa forma, com a atenção retomada, pode-se organizar junto com os parceiros ações emergenciais a partir de 4P's: Pão, Proteção, Poesia e Plantio.

Em 2021, em outra fase da pandemia, as atividades foram sendo progressivamente retomadas respeitando os protocolos sanitários e as fases de vacinação. Algumas oportunidades surgiram a partir das necessidades e dos desdobramentos das ações emergenciais:

- A decisão do CPCD de se juntar ao IBEAC para potencializar as ações emergenciais, desde a captação de recursos, passando pelo cadastro de famílias, da distribuição
- dos 4 Ps.
- Organização de formações, de lives, participação de cursos e formações diversas.
- Criação de materiais de comunicação – jornal digital “Vozes Daqui”, podcasts, vídeos entre outros, está causando um grande impacto em Parelheiros, para além dos
- 6 bairros onde trabalhamos.
- Os times passaram a ser mais reconhecidos como referências comunitárias nos 6 bairros.
- Aperfeiçoamento do letramento digital da comunidade.
- O cadastro com mapeamento de mais de 2.000 famílias mais vulneráveis aproximou
- os times de mais moradores, que foram incluídos nas ações emergências, e passaram
- a conhecer as várias ações do projeto.
- A preocupação com a segurança alimentar incentivou a criação das hortas comunitárias, já instaladas em 4 bairros.
- Ampliação dos guardiões para mais 3 bairros – São Norberto, Nova América e Colônia.
- Participação dos ADCS nas formações e produção do primeiro livro do bebê a ser distribuído a todos

nascidos na Maternidade Interlagos a partir de 2021, dentro do Projeto Nascidos para Ler.

- Maior frequência nas trocas com educadores do CPCD, que atuam em Minas Gerais e Maranhão.
- Formou-se o grupo das costureiras, moradoras nos vários bairros, que pensam juntas desenvolver algum tipo de empreendimento comunitário e produtos para geração de renda. Elas já foram contratadas para fazer máscaras para o Sesc Interlagos e para o Consulado Alemão. Esse grupo está animado para desenvolver produtos coletivamente.
- Oficinas virtuais de bordado e dança com partici-

pantes de diversos locais de São Paulo e de outras cidades.

- O empreendimento da Amara Cozinha recebeu encomendas produzindo pães, bolos e geleias para cestas que foram distribuídas para as famílias cadastradas e para as 8 aldeias indígenas, também apoiadas pela Plataforma com alimentos, máscaras e álcool gel. Além disso está havendo um aumento de encomenda de alimentação saudável e produtos orgânicos e as Amaras venderam cestas temáticas para Dia dos Namorados, Produtos Juninos, Natal e Ano Novo!

Alguns números

120
guardiões

126
Participantes
Alfabetização

25 mil
máscaras artes-
sanais produzi-
das e distribuí-
das

300
máscaras de
acetato
distribuídas

100
Participantes
Banco da Soli-
diedade

164
Participantes
Hortas Comuni-
tária e Perma-
cultura

1.492
Participantes
Biblioteca / Ban-
co do Livro

345
Pontos
luminosos

2.616
pessoas aten-
didas direta-
mente

226
Participantes
Oficinas Comu-
nitárias

3.600
Kits de apren-
dizagem p/
aprendizados
e guardiões

05
hortas
comunitá-
rias

Parcerias locais

- Acelera Texto
- Acolhida na Colônia
- AMARA Cozinha
- Aprendizagem para Corações e Mentos
- Arte Despertar
- Artemanha
- Balangandança
- Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura
- CEDAC – Comunidade Educativa
- CEDECA Interlagos
- CEI Santa Terezinha
- CEI Silveira
- CEI Venha Conosco
- Cia Artemanha
- Compassion Corps
- CooperApas
- CREAS Parelheiros
- EACH - USP
- Editora Jujuba
- EMIA – Escola Municipal Iniciação Artística
- Emory University
- Escola de Enfermagem - Unifesp
- Escola de Enfermagem – USP
- Escola Municipal Pedro Geraldo Schunck
- Escola Municipal Vargem Grande II
- Escolinha Tia Mônica
- Evoluir Cultural
- Fundação Bernard Van Leer
- Hospital Maternidade Interlagos
- Imagem

- Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC
- Instituto Emília
- Instituto Moreira Salles
- Instituto Sidarta
- Nascidos para Ler
- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP
- Rede LiteraSampa
- Rede Nacional de Bibliotecas Comunitárias
- Rede Raia Drogasil
- Respira Vida
- São Paulo Companhia de Dança
- SPVV – Serviço Proteção Social as Crianças e Adolescentes de Parelheiros
- Unidades Básicas de Saúde
- Universidade de São Paulo
- Universidade Federal de Santa Catarina
- Universidade Federal de São Paulo – Unifesp
- Universidade Mackenzie

“Nesse período, a palavra adoção tomou uma força espetacular, pois está presente o tempo todo. Adotar a arte, a literatura, a palavra, como algo fundamental na construção do humano. Adotar a vida antes dessa vida nascer, desde sua concepção, os 9 meses de construção desse ser, que depois é adotado por sua mãe, seu pai, sua família e depois pela rua, pelo bairro, e assim as pessoas vão se adotando. Ruas adotadas, bairros abraçados, adoção de uma alimentação saudável, de bem estar, da permacultura. Adoção está ligada a todas nossas práticas”.

Tião Rocha

“2020 foi um ano muito difícil, mas a gente se levantou frente a essa tragédia tão grande, consegui acender tantos pontos luminosos, descobrir mulheres da comunidade que escrevem poesia, mulheres que têm filhos com deficiências. Quando a gente vive dentro de uma caixinha a gente não se expande. E eu nunca mais quis voltar para essa caixinha. É o que acontece com as mães quando a gente leva uma palavra, uma poesia, um livro. Quando falamos sobre o autocuidado que não é só do externo, há mudanças de vida, de autoestima, de tudo. Você vê mudança, vê transformação. Caramba estou fazendo parte disso.”

Amanda Martins, Mãe Mobilizadora

“Meu quintal é um misto de tudo, porque eu amo muito mexer na terra! Isso vem desde que eu era muito pequena. Eu lembro que eu não podia ver um pedacinho de chão que já começava a plantar. Tenho um pouco de tudo: louro, flores, frutíferas. Agora eu tive que tirar algumas mudas de couve, porque a gente já vai usar na nossa horta comunitária. Eu sou apaixonada pelo quintal do Wilson, que é um quintal maravilha que acho muito lindo. Eu tenho um bom pedacinho de chão aqui e vou começar a plantar novas coisas, produzindo mais. Logo, logo mais um quintal maravilha.”

Ionete Silva, participante do grupo de permacultura.

“Nosso time tem os mesmos objetivos de transformar Parelheiros no melhor lugar do mundo, desde a barriga até a velhice. Parelheiros é o pulmão de São Paulo e essa preservação está muito presente nos nossos processos de permacultura. É muito bonito ver que estamos nesse caminho. Esse aprender na prática, a valorização de saberes, esse empodimento das comunidades permeiam nossas ações. Acreditamos que uma criança bem cuidada ou um adulto bem cuidado vai cuidar do seu bairro e também do seu planeta. A gente traz o cuidado com excelência com as crianças, com as pessoas, para que elas cuidem bem umas das outras, com muita solidariedade. Na pandemia o que vimos e vivemos foi uma roda de solidariedade, porque a roda não pára de girar, porque estamos juntos nessa”.

Mara Sara Jacarandá, agente de desenvolvimento comunitário

“No final de 2021, a gente já começou a retornar com algumas oficinas presenciais. Primeiro a gente voltou com a alfabetização, mas não à noite com 30 pessoas, era individual ou com grupos pequenos lá na sede do projeto. Mas um respiro para própria equipe foi a questão das Hortas comunitárias, porque quando se viu a fome muito rápido, foi um soco no estômago de todo mundo, se viu a necessidade e nos dedicamos para que as hortas saíssem do papel e fossem para a realidade, para produzir alimento para comunidade.”

Laniela Feitosa, Educadora

MARANHÃO

Casa Saudável: Onde Mora Uma Vida Melhor

2013 - 2020



O projeto surgiu da constatação de que não é possível haver trabalho educativo sem antes a promoção da dignidade e do bem-estar mínimo das pessoas. Sair do autodesprezo e alcançar um novo padrão de vida mais saudável, com melhor alimentação, higiene, cuidado, participação social e autonomia tornaram-se as metas do projeto.

Implementado inicialmente na Vila Pindaré (ex-Presa de Porco, comunidade em Buriticupu/MA) e em seguida em 25 comunidades, em 6 municípios maranhenses, no entorno da ferrovia São Luís-Carajás, o projeto inspirou-se na experiência do Sítio Maravilha e nos Quintais Maravilha - iniciativas de Araçuaí/MG - e foi adaptado à realidade local. Inclui: Instalação de “kits de sustentabilidade” - cisterna de água de chuva, banheiro seco, horta permacultural e filtro de barro - e um trabalho comunitário e educacional em torno de tecnologias sociais que promovem a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Cada kit é composto por um banheiro compostável com chuveiro, uma caixa reservatório de 16.000 litros para captação de água das chuvas, uma horta familiar

permacultural para produção de orgânicos, entre outras tecnologias (como o filtro de purificação, círculo de bananeiras e a pintura de tinta de terra), visando criar alternativas para maior dignidade, beleza e saúde no local.

A implantação dos kits foi feita com forte participação comunitária e a partir da formação pedagógica e técnica (como cisterneiros, pedreiros, permacultores) de residentes e baseia-se em formações e em ações práticas em cada uma das casas participantes do projeto. Assim, o projeto estimula a solidariedade e o cuidado com a comunidade, a partir de mutirões, oficinas, organização e o trabalho coletivo.

A partir das experiências acumuladas pelo projeto, é possível observar um salto importante de bem estar nas condições de saúde das famílias e também na percepção (interna e externa) positiva das comunidades. A Vila Pindaré, assim como as demais comunidades, agora tem sido vista como a vila das caixas d'água coloridas pela terra local, construídas e pintadas pelos seus moradores.

O projeto Casa Saudável enfrentou questões locais que caracterizam a maioria dos municípios maranhenses: a falta de saneamento básico, a falta de coleta de lixo (que geram sujeira e contaminação de todo tipo), a escassez de água limpa e a baixa participação das pessoas na vida comunitária. Apenas para se ter uma ideia do desafio: apenas 19% das casas do estado dispunham de redes de esgoto em 2020, segundo diagnóstico do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS).

O Casa Saudável tornou-se uma escola de melhor viver, a partir da atuação comunitária e dos princípios da permacultura e bioconstrução.

Em 2020, a previsão era iniciar o acompanhamento, momento de capacitar e acompanhar as famílias na prática dos cuidados com o banheiro compostável. Também seria realizado monitoramento da água, com coleta e análises laboratoriais. Em março começaram as medidas de isolamento social, devido à pandemia da Covid-19 e neste mesmo momento, como forma de seguir acompanhando as famílias mesmo à distância, foram pensadas Maneiras Diferentes e Inovadoras (MDI's) de continuar levando informação e aprendizado para as famílias, evitando uma sensação de "abandono" e prejuízos aos resultados do projeto.

Neste período, as comunidades de Arari que receberam o projeto Casa Saudável foram: Escondido, Muquila, Vila Nova, Bubasa, Mata e Bamburral, além da Região Boca do Mel (composta por 8 comunidades: Boca do Mel, Flexal, Mutum, Carneiro, Capim Açú, Picos, Canarana e Independência) e a Região de Moitas (composta por 4 comunidades: Capim Açú, Campo do Carmo I, Campo do Carmo II e Laranjeira).

Atendendo aos objetivos dos projetos – a promoção de saúde e dignidade da vida de famílias e comunidades maranhenses – e respeitando a necessidade de "quarentena" exigida pela pandemia, seguiram acontecendo atividades de mobilização, formação e monitoramento, para acompanhar e apoiar as famílias beneficiárias virtualmente na aplicação e monitoramento de tecnologias, bem como oferecer informações confiáveis para que as famílias pudessem agir no enfrentamento da pandemia.

Em cada comunidade ou região foram criados grupos de WhatsApp para se ter acesso ao maior número de famílias atendidas possível e também a parceiros locais e a outras famílias simpatizantes e curiosas em relação às ações do projeto.

Uma série de ideias se seguiram no trabalho diário: podcasts, flyers eletrônicos, receitas, vídeos informativos, panfletos informativos (você sabia?), vídeos com oficinas, etc. Esses canais levavam informações sobre os cuidados necessários com as tecnologias do projeto – cisterna, banheiro seco, horta mandala, tratamento da água, verminose e outros – mas também sobre assuntos importantes no momento, como a pre-

Alguns números

1.147
hortas per-
maculturais

838
banheiros
secos

1.262
famílias
atendidas

06
municípios

25
comunida-
-des

1.148
cisternas
de água de
chuva

venção da Covid-19 e o acesso ao auxílio emergencial. Para isso, a equipe aprendeu a fazer podcasts, vídeos, flyers eletrônicos e pesquisou em diversas fontes e linguagens conteúdos que trouxessem as melhores informações e práticas às comunidades. A repercussão superou as expectativas: posts foram compartilhados por comunitários em várias redes, e provocaram inúmeros diálogos sobre os temas propostos.

Ainda em meio à pandemia, o projeto chegou a realizar a construção de 70 kits, pelos educadores locais formados em anos anteriores.

O projeto Casa Saudável, neste formato e sob coordenação do CPCD, foi finalizado em 2021.

Algumas amostras da interação nos grupos de WhatsApp:

“As informações foram muito boas porque ajudaram a esclarecer algumas dúvidas que nós tínhamos, principalmente sobre o COVID19, tivemos muita aprendizagem.”

Rosinete Lopes, Comunidade de Ribeiro, Itapecuru Mirim/MA

“Eu tenho prazer em postar fotos das minhas mandalas, gosto de ver elas assim bem bonitas, as outras pessoas vão vendo e assim vou incentivando a plantar também, quero compartilhar minha felicidade com o grupo”.

Ozenir Soares da Silva Baral – Educadora, Vila Pindaré - Buriticupu/MA

“Os podcasts nos ajudam muito nesse momento em que não podemos sair de casa, com ele aprendemos como nos prevenir de doenças, que nos perseguem no dia-a-dia, a cuidar das cisternas, banheiros e hortas.”

Maria Ribeiro do Nascimento, Educadora, Roça Grande, Alto Alegre do Pindaré/MA

“Já bem no final de 2020, nós conseguimos criar um grupo de produção de sabão que vendeu mais de 8 mil barras de sabão que acompanhavam os kits de higiene nas cestas e eu acho que a gente conseguiu mobilizar as pessoas à distância justamente por causa do trabalho que a gente tinha feito antes. Financeiramente teve um grande impacto nas comunidades e outros parceiros aproveitaram muito da comunicação que a gente mantinha, para entregar cestas e chegar nas pessoas.”

Gleidiane Santos, Educadora

“Toda a comunidade está aprendendo com as postagens dos grupos. São dicas de como cuidar da cisterna, dos filtros, como usar a máscara, dicas como cuidar da mandala, as pessoas tiram suas dúvidas, fazem as receitas. Está havendo muita interação entre o projeto e a comunidade. Espero que, quando voltarmos ao normal essa seja mais uma forma de levar conhecimento.”

Raimundo Nonato Reis Bogéa Filho, 21 anos,
Educador, Itapecuru-Mirim/MA

“O grupo do Whatsapp está sendo muito importante para nossa comunidade, depois que foi feito este grupo muitos vídeos importantes são postados. Eles são pequenos, práticos e nos ensinam. Eu tenho aprendido uma porção de coisas, estou amando e quero que continuem porque esse conhecimento é valioso para nossa comunidade.”

Maria Antônia Martins, 37 anos,
Bamburral, Arari/MA

“No Maranhão, as pessoas continuam utilizando o Whatsapp para trocar, vender seus produtos da horta ou seus bolos... e isso nos mostra que a gente precisa usar isso a nosso favor a favor dos projetos, pensar em estratégias para poder estar mais presente no nosso dia a dia, principalmente em projetos voltados à geração de renda”

Gleidiane Santos, Educadora

“A gente estava com uma turma nova para começar o projeto, 400 e poucas famílias, expectativa boa, animados, em comunidades diferentes que a gente ia começar e nós paramos de uma hora para outra. Isso foi muito traumático. O que deu gás para gente foi a esperança de que ia retornar e aí a gente não descolou das comunidades: a gente conversava, mandava as criações que a gente fazia sobre a pandemia e ficou conectado com as pessoas. Elas já conheciam a gente e sabiam como é que é o trabalho do CPCD.”

Jorge Luiz, Educador

Estação do Conhecimento de Arari - Centro de Excelência em Permacultura, Bioconstrução e Desenvolvimento Comunitário

2014 a 2020



O Centro de Excelência em Permacultura, Bioconstrução e Desenvolvimento Comunitário da Estação de Conhecimento de Arari surgiu para ser um lugar, usina-geratriz de incubadoras sociais e tecnológicas, fonte permanente de conhecimentos dos saberes, dos fazeres e dos querereres da comunidade de Arari disponibilizados e que nos façam melhores - mais humanos, mais dignos e mais solidários - para que a Vida seja viável e sustentável, para todos, para sempre.

O projeto teve foco especial em 5 comunidades - Escondido, Muquila, Bubasa, Mata e Bamburral e estabeleceu parcerias técnicas e institucionais com Embrapa / Cocais; Prefeitura Municipal de Arari, em especial as Secretarias Municipais de Saúde e de Agricultura; Conselho Municipal de Assistência Social; UFMA - Universidade Federal do Maranhão; UEMA - Universidade Estadual do Maranhão; e CPOrg /MA - Comissão da Produção Orgânica do Maranhão.

“Os aprendizados online por conta da pandemia estão sendo uma experiência totalmente inovadora, aprendemos olhando os vídeos e depois replicamos em nossos quintais. É uma maneira simples e muito fácil de fazer e que dá um belo resultado, parabéns pela iniciativa de ensinar através da internet.”

Paulo Henrique Lopes, 19 anos,
Escondido, Arari/MA

Muitos resultados foram contabilizados:

- Funcionou com o espaço educativo e de referência, com mais de 50 tecnologias de permacultura e bioconstrução aplicadas (e reaplicáveis);
- Lideranças locais emergiram dos processos de formação em permacultura, e se distanciaram do paradigma fogo-veneno;
- Constituição de 7 empreendimentos coletivos no sentido da autossuficiência financeira e alimentar na forma de campos agroecológicos e hortas comunitárias, ocupando cerca de 20 hectares, com 102 famílias envolvidas.
- O CPCD passou a integrar a CPOrg / MA (Comissão da Produção Orgânica) e deu início à implantação do processo de Certificação Orgânica do Centro de Excelência.
- Dentre as pessoas formadas, algumas lideranças locais emergiram, como é o caso dos 15 ACDs - Agentes Comunitários de Desenvolvimento: Sr Catana, Hamilton, Gustavo, Marinalva, Dona Antônia, Dona Rita, Seu Francisco, Seu Manoel, Antônia. Muitos deles praticavam a agricultura com base no paradigma fogo-veneno e passaram a defensores da permacultura.

- 180 famílias de Arari (36% das famílias das comunidades alvo e cerca de 3% das famílias do município) receberam apoio sistemático para produzir em seus quintais e manifestam aspectos variados de melhoria em sua qualidade de vida, sobretudo em termos de saúde, economia e participação social.
- 102 famílias compõem 7 grupos produtivos constituídos (campos agroecológicos, hortas comunitárias, apicultura, artesanato), por estímulo do projeto e com sua assessoria técnica. Os grupos produzem verduras, grãos, legumes, frutas, artesanato, sabão, que se convertem em renda adicional e também em economia doméstica para as famílias participantes.

Há outros resultados e acúmulos, acertos e erros que nos trouxeram um bom conhecimento sobre a região e uma capacidade de olhar e estimular as potências locais. Para além da EC em funcionamento, há como legado quintais saudáveis, hortas comunitárias e campos agroecológicos diversos e estruturados, reserva de água, inovação tecnológica utilizando energia renovável e saberes agroecológicos diversos disseminados e em prática. Os coletivos produtivos (de homens, mulheres, jovens, adultos, idosos) seguiram um rico movimento de troca que alimenta e retroalimenta a motivação e a participação de cada um, trazendo ganhos para as comunidades.

Existem agentes, educadores, agricultores, comunidades com orgulho de ter fatura, autoestima e relevância.

O projeto Centro de Excelência em Permacultura, Bioconstrução e Desenvolvimento Comunitário da Estação de Conhecimento de Arari, neste formato e sob coordenação do CPCD, foi finalizado em 2020.

Em 2020, a produção de alimentos, a manutenção de tecnologias e também o atendimento às famílias do entorno, em parceria com o projeto Casa Saudável, ocorreram de modo corrente. O apoio às famílias dos grupos produtivos seguiu acontecendo à distância, para esclarecer e formar sobre questões técnicas de permacultura e produção orgânica.

“O projeto trouxe integração e inovação para a comunidade; conseguimos enxergar muitas novidades que até o momento eram imperceptíveis. Aprendemos novas relações com a vida ambiental, nos apropriamos de coisas que jamais pensávamos que poderíamos ser capazes de realizar. Além de aprender uma nova conduta de vida, aprendi a ter um novo olhar e um novo rumo para nossas casas e para a comunidade onde vivemos, inclusive de beleza. Nos possibilitou novos conhecimentos em relação a comida e também das rotinas do cuidado com nossos quintais.”

Tais Dayane Marinho, 22 anos,
ACD Comunidade Bamburral

“O projeto desenvolvido com as comunidades, no entorno da Estação, me ajudou a fazer atividades com eficiência. Independente do período do ano, tenho sempre minha horta produzindo no quintal. Faça chuva ou faça sol, encontramos uma maneira de resolver os problemas. Disposmos de muitas árvores frutíferas. Produzo meu próprio composto orgânico ajudando, assim, a enriquecer o solo e cultivar verduras e hortaliças. Ainda tenho muitas flores ao redor da minha casa que cultivo com muito cuidado e dedicação.”

Maria Antônia Lopes, 61 anos,
Comunidade Mata

“Para mim e minha família, as tecnologias são de grande importância porque cada uma delas traz um benefício e juntas melhoram a vida. Do espiral de ervas, por exemplo, tiramos produtos medicinais que ajudam na saúde e o círculo de bananeira nos dá frutos saudáveis. Aprendemos e praticamos aquilo que projeto nos ensina: usar o coração da banana para a produção de xarope caseiro. Meu lixo tem um lugar específico para ser depositado, assim meu quintal ficou organizado. Eu queimava as folhas em outros tempos, agora uso para produção de composto.”

Elenilda Maciel Chaves, 36 anos,
Comunidade Muquila

“O trabalho no campo e na horta foi algo maravilhoso que aconteceu aqui na comunidade. É com muita dedicação que participo, tanto da horta como do campo. No plantio do campo agroecológico deu tudo certo esse ano, plantamos arroz e agora estamos colhendo. Na nossa horta, durante o inverno, foi um pouco difícil por causa das chuvas, que alagou a terra, mas a nossa perspectiva pro verão é de produzir bastante. Vai ser bem diferente do verão passado, porque antes não tínhamos o açude e esse era um problema. Com tanta chuva o açude está lotado de água, isso não vai faltar.”

José Genival Vogar, 39 anos, Comunidade Buba-
sa

“Uma questão essencial em que mudou na comunidade foi a alimentação, porque antes era tudo comprado e hoje com a horta e o plantio nos quintais, as pessoas têm se alimentado melhor (...) São duas histórias: uma antes e outra depois.”

Marinalva de Andrade Santos,
Comunidade Muquila

“Trabalhar no campo agroecológico e em equipe está sendo uma experiência muito boa (...) hoje não me contamina mais com uso de agrotóxicos. Aprendi um novo jeito de trabalhar em equipe, foi uma oportunidade que eu abracei e quero estar sempre pronto para ajudar.”

Antônio Barbosa, membro do Campo
Agroecológico da Comunidade Bamburral

“Fica até difícil falar sobre o campo. Tudo o que investi lá eu tive retorno em dobro. Com as técnicas que utilizamos tudo o que planta dá e é só fartura. Depois que entrei no campo minha vida tem mudado dia após dia; primeiro porque antes usávamos todo tipo de veneno e com a chegada do projeto fomos aprendendo que é possível fazer um bom plantio sem o uso do agrotóxico. Então essas pequenas coisas fizeram total diferença para mim e pra comunidade. Todo ano tenho colheita de farinha, de milho, pepino e meluí todos com muita fartura e sabemos que tudo tirado de lá são alimentos saudáveis.”

José Benedito, 52 anos, Comunidade Mata

“Não tem remédio melhor do que trabalhar em grupo, ver todos sorrindo, o trabalho diminuindo o estresse e é sempre bom ter um alimento de qualidade não só para nós mas para a comunidade inteira. Esse projeto nos deixa mais humanos, nos proporcionam oportunidades de falar, de se expressar, de viajar, resumindo sempre estamos ganhando conhecimento.”

José Genival Vogar, 39 anos

“Em primeiro lugar, estar trabalhando nos campos agroecológicos com o grupo só me trouxe experiências boas. Trabalhar nos campos sem o uso de agrotóxicos é muito melhor e mais saudável. Antes não tínhamos a qualidade de vida que temos hoje. Os benefícios de trabalhar com produtos orgânicos tem só melhorado a nossa saúde, o veneno que usava só causava prejuízo à saúde de minha família, estou aprendendo muito e quero continuar trabalhando nos campos. As palestras servem de aprendizado e me ajudam a desenvolver ainda mais as minhas habilidades e melhorar o meu trabalho como agricultor.”

Severino Neves (Catana), 66 anos,
Comunidade Mata

BRUMADINHO, SÃO JOAQUIM DAS BICAS, IGARAPÉ

Projeto GerAção

desde 2021



O objetivo deste projeto, que teve seu início em plena pandemia, é promover o desenvolvimento socioeconômico de 3 cidades mineiras - Brumadinho, São Joaquim das Bicas e Igarapé - através de ações e iniciativas geradoras de oportunidades de trabalho e geração de renda nas áreas de agroecologia, agricultura orgânica, permacultura e bioconstrução para a parcela da população mais necessitada.

O projeto caminha na direção de seu objetivo a partir dos seguintes eixos:

- Articulação Institucional: Mobilização das pessoas para a formação de times locais a partir de processos formativos (intercâmbio, oficinas e residências sociais para permuta de tecnologias e experiências)
- Mobilização, participação e o engajamento comunitário
- Desenvolvimento de competências técnicas, tradicionais e científicas, que envolvem o campo da agroecologia, da produção orgânica de alimentos, da permacultura, pela realização de cursos, oficinas, trabalhos de campo, viagens de intercâmbio, residências sociais, laboratórios de experimentos, incubadoras de tecnologias, aplicação de pedago-

gias e tecnologias testadas e aprovadas

Inicialmente, por conta da necessidade de distanciamento gerado pela pandemia, foi preciso criar um jeito novo de chegar até as pessoas. Foram realizadas muitas conversas com pessoas do território, de forma remota, o que incluiu a mobilização de escolas, representantes das secretarias municipais de saúde e do meio ambiente, além de lideranças comunitárias.

As ações presenciais tiveram início na segunda quinzena de outubro de 2021, atendendo a todos os protocolos de segurança para a prevenção da Covid-19. Os participantes das rodas virtuais já estavam ansiosos para o encontro presencial. A partir da atuação em campo, foi possível alcançar um público maior, principalmente os que não tinham acesso à tecnologia. As escolas abriram as portas para as atividades e conversas que chegaram até suas famílias, sendo essa uma estratégia de mobilização, apoiada pelas secretarias do município.

O engajamento com as organizações parceiras aconteceu a contento. Com o Instituto João Amazonas foi articulado a construção do viveiro de mudas, de uma cisterna de captação de água de chuva e uma horta. Houve uma articulação também com o Epicentro e com o NaAção também há agenda para o mês de fevereiro. Nos municípios de Igarapé e São Joaquim de Bicas foi cultivada uma relação fértil com o poder público, principalmente com as secretarias de educação e meio ambiente.

A equipe do projeto é formada majoritariamente por mulheres. A maioria são donas de casa com filhos pequenos, que viram a oportunidade de fazer algo diferente em suas vidas. Estão buscando transformar a comunidade e mais ainda, estão transformando suas vidas.

As primeiras práticas de permacultura foram nos quintais das ACDs, que passaram a receber a visita de alguns moradores para conhecer um novo jeito de plantar, que pode ser reaplicado em seus quintais.

A promoção da feira solidária serviu para a comunidade trocar tudo que produz: alimentos, artesanatos, serviços, produtos da horta, do quintal, pequenos animais, vestuário, acessórios, entre outros. A família pode levar tudo o que quiser, desde que esteja em

bom estado e vá servir para outra pessoa. Os produtos são vendidos para o “banco” que gerencia a moeda, que será vendida para outras pessoas durante a feira. Quanto mais produtos ou serviços a pessoa levar, mais moedas sociais ela terá. O “banco” tem a função de combinar com as pessoas e se necessário limitar o número de produtos de cada uma. A feira é um movimento solidário de trocas, que utiliza de uma moeda social, que não tem preço, mas sim valor. Ela fortalece a agricultura familiar, os pequenos negócios, os saberes da comunidade, junta as pessoas e fortalece o cuidado um com o outro e estimula o consumo consciente.

Em São Joaquim de Bicas o nome dado à moeda social foi Limoeiro. Na comunidade há muitos pés de limão, nos quintais e nas ruas. Outro fator para a escolha pela comunidade é que o limão é uma fruta que todos gostam, cheia de vitaminas. Em Igarapé, após alguns nomes sugeridos, pensando na localidade e seu contexto, foi escolhida a moeda social Ipê, por causa dos Ipês que existem na região e que, na época da florada, enfeitam as montanhas da cidade.

Resultados e avanços alcançados ainda em 2021:
Formação de Agentes Comunitários de Desenvolvimento - ACDs

Alguns números

480 h
formação
à distância

40 h
formação
presencial

74
famílias ca-
dastradas

03
Grupos de
produção

16
ACD's em
ação.

01
viveiro
de mudas
construído

03
algieiras
de livros

02
feiras
solidárias

02
moedas
sociais cria-
das

“Depois da formação, sei que consigo repassar o que aprendi para outras pessoas da minha família, da minha rua e todos que conheço sobre a reutilização das sobras de alimentos para fazer compostos, que depois podemos usar em nossas hortas e em outras plantas.”


Khadija Hayanne Gomes Alves da Silva, 19 anos,
ACD – Bairro Belo Vale

“Se eu tivesse conhecido a permacultura há uns 2 anos atrás, até a construção da minha casa teria sido diferente. Deixaria também mais espaço pra fazer muito mais plantios.”

Nilma Moreira Alves Rezende, 52 anos, Bairro
Belo Vale

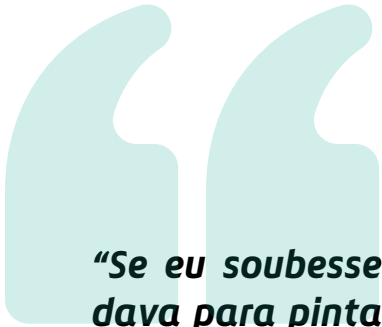
“A Feira de Troca foi uma forma de conhecer outros educadores, mas principalmente ser solidário e de beneficiar alguém com algo que não me servia mais. Acredito que quando fizermos com a comunidade vai ser divertido e importante também. Pois as pessoas irão praticar mais a solidariedade e o consumo consciente.”

Danúbia Camila de Souza, 36 anos, ACD do bairro
Belo Vale/ São Joaquim de Bicas.



“Nossa comunidade, como vários lugares, precisa olhar mais para as mulheres. Muitas delas ainda necessitam de ajuda, não somente para necessidades básicas, mas principalmente que possam ver que podem SER MAIS perante a comunidade, mostrando que elas podem se unir e encontrar entre si, formas de prosperar e muitas se libertarem de casos abusivos. A sororidade no projeto nos liga bastante, pois somos a maioria mulheres que pensam de formas diferentes, que se unem para chegar a conclusões de cada etapa do projeto, não só aprendemos sobre permacultura, mas também que podemos opinar e que juntas somos muito mais fortes e podemos olhar e oferecer ajuda para aquelas que ainda acham que são incapazes. No meu caso eu me sinto mais capaz a cada reunião: estou colocando minhas ideias em prática e aprendendo cada vez mais, sobre não só buscar força, mas também aprender a produzir e retribuir com quem está comigo e que posso sim, buscar aquilo que desejo.”

Danúbia Camila de Souza, 36 anos, ACD Bairro Belo Vale/ São Joaquim de Bicas.



“Se eu soubesse que a terra dava para pintar desse jeito, não tinha gasto dinheiro com a pintura da minha casa. Mais do que lindo, pintura com terra é uma terapia, por mim ficaria o dia inteiro fazendo isso”.

Nilza Oliveira de Freitas,
ACDs Bairro Bom Jardim.

Parceiros

Entre 2020 e 2021, o CPCD contou com parcerias importantíssimas no desenvolvimento de projetos por todo o Brasil:

- Aliança Água + Acesso
- Cooperativa Dedo de Gente
- Fundação Banco do Brasil
- Grupo Ponto de Partida
- Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário – IBEAC
- Arredondar - Burger King
- Brazil Foundation
- Fundação Itaú Social
- Fundação Renova
- Fundação VALE
- Instituto Coca Cola Brasil e Fundación Avina Américas
- VivaVida Instituto de Ações Solidárias

Nós aprendemos ...

- *temos obrigação de sempre aprender e de sempre compartilhar*
- *em relação ao jeito de falar com as*
- *peessoas*
- *sobre tecnologias*
- *que às vezes a gente tem que buscar um tempo para a gente mesmo, uma calma que contribui para nossa sanidade, mas também para manter a sanidade das outras pessoas*
- *a entender o limite do outro: nem sempre a gente lembra disso e a gente agora tem que lembrar, é uma questão de sobrevivência*
- *a ter mais higiene do que a gente tem*
- *que é tudo muito inesperado*
- *que a gente não sabe quanto tempo a gente tem, e o tempo que tem precisa ser vivido*
- *a respeitar ainda mais as diferenças*
- *sobre a relação da água com todas as coisas*
- *sobre a importância da água não só para o ser humano mas para saúde*
- *sobre o poder que a água tem de mobilizar e juntar as pessoas*
- *a fazer reuniões online*
- *a fazer podcasts*
- *a fazer material de divulgação*
- *sobre saúde*
- *a fazer folder*
- *a editar e gravar vídeos*
- *a fazer sistemas de águas.*
- *a trabalhar em áreas difíceis, por exemplo, em áreas que tem rejeitos ou obstáculos semelhantes*
- *a fazer o sisteminha e tevap*
- *no convívio e conexão com outras instituições para a busca de soluções, de caminhos.*
- *a acessar a página do Facebook,*
- *a mandar atividades no WhatsApp*
- *a usar a ferramenta do WhatsApp,*
- *a usar o Zoom e o Google Meet*
- *para poder ensinar para comunidade*
- *que tempo de qualidade talvez seja o que a gente tem de mais precioso, de maior valor.*
- *que é muito importante a gente cuidar da nossa saúde mental.*
- *a usar ferramentas e estar mais receptiva a elas há um outro formato uma outra realidade a romper com a frieza e aprender com essa vivência: às vezes a gente diminui o potencial das relações e a partir do online pode aguçar outros sentidos que não estão dispostos no presencial e também a ver as pessoas a partir de outros prismas.*
- *a criar outros canais de conexão*
- *que o tempo é necessário para tudo.*
- *que pequenas atitudes muitas vezes se tornam tão grandiosas e fazem a*
- *diferença.*
- *que quando a gente está envolvido em algo tão importante, fazendo o que a gente gosta e acredita, temos mais.*
- *a lembrar coisas que eu já sabia*
- *a enfrentar desafios daqui para frente*
- *a fazer mais rápido algumas atividades*
- *que na vida a gente tem sempre que estar preparado.*

PARA ONDE VAMOS CAMINHAR A PARTIR DE AGORA?

Teoria de mudança

PROBLEMA

É preciso criar processos de Educação Popular de qualidade e do desenvolvimento local sustentável. A partir do exercício para provar que Educação existe independente da escola, foram criadas diversas pedagogias e tecnologias para trabalhar junto com comunidades no sentido da Educação e do Desenvolvimento. É possível gerar transformação em comunidades de até 50 mil habitantes, a partir dos seus saberes-fazeres próprios e de pedagogias emancipatórias, que geram acolhimento, convivência, aprendizagem e oportunidades.

Políticas públicas e iniciativas fragmentadas ou insuficientes voltadas ao desenvolvimento local sustentável em municípios de até 50 mil habitantes. Quando chegam, são pautadas por deficiências e não pelas potências, como se fossem territórios vazios de saberes.

PROPÓSITOS

Ser uma instituição de aprendizagem. Buscar formas inovadoras de desenvolvimento e de empodimento comunitário, partindo do lado cheio do copo de cada pessoa e de cada lugar.

Promover espaços de aprendizagem, proposição e organização de formas e soluções inovadoras de desenvolvimento e empoderamento comunitário, reconhecendo e compondo com os saberes de cada pessoa e cada lugar.

Promover espaços de aprendizagem e proposição de políticas públicas comunitárias a partir dos saberes locais e voltadas ao desenvolvimento local sustentável.

PRESSUPOSTOS

Desenvolvimento é geração de oportunidades

Educação só acontece no plural

Educadores comprometidos e continuamente formados são fundamentais, para que sejam aprendizes permanentes, provocadores de mudanças, criadores de oportunidades, construtores de comunidades educativas e cidades sustentáveis.

A participação efetiva das comunidades envolvidas em todas as etapas dos projetos, programas e plataformas, gera o "empoderamento" comunitário, alicerça e sustentabilidade de todas as ações programáticas.

Cultura como matéria prima e instrumento de trabalho, pedagógico e institucional.

IMPACTO PERSEGUIDO

Fortalecimento dos meios sustentáveis de vida - Comunidades autônomas, inclusivas e sustentáveis - Educação integral

Comunidades autônomas, inclusivas e sustentáveis e seus meios de vida sustentáveis fortalecidos e viabilizados

RESULTADOS DE LONGO PRAZO (2030)

CPCD como referência regional e nacional na construção de comunidades educativas e sustentáveis

Araçuaá: carbono zero - melhoria de indicadores de educação e de segurança alimentar. Tecnologias sociais locais articuladas com políticas públicas produzindo acesso a direitos

Parelheiros: melhoria de indicadores de saúde na primeira infância, agricultura familiar e segurança alimentar dentre público atendido pela Plataforma. Geração de trabalho e renda local a partir de meios sustentáveis de vida

Cultura e saberes locais reconhecidos e valorizados produzindo processos educativos e econômicos viáveis, sustentáveis e conectados com o desenvolvimento local

RESULTADOS INTERMEDIÁRIOS (2025)

Fundo patrimonial implementado, contribuindo essencialmente para a sustentabilidade institucional do CPCD

Novos parceiros financeiros e técnicos para Arasempre

Plataformas de desenvolvimento local (Arasempre e Parelheiros) - fonte de recursos garantida para sua perenidade, apropriação pelas comunidades e pelos parceiros.

Empreendimentos econômicos sustentáveis em Igarapé e São Joaquim de Bicas.

RESULTADOS DE CURTO PRAZO (2023)

Plataforma Arasempre com pleno financiamento

Fortalecimento Institucional - gestão, com comunicação e captação de recursos estruturadas

PÚBLICOS

Educadores

Poder público

Crianças e adolescentes

Moradores de cidades ou comunidades com até 50 mil habitantes

Alunos de escolas do campo

Agricultores familiares

Financiadores / Doadores

OSCs

PRODUTOS

Projetos educativos, culturais e socioambientais

Plataformas de projetos integrados

Centros de Excelência (referências locais para implementação e disseminação de tecnologias sociais)

ESTRATÉGIAS

Mobilização comunitária + Diagnóstico de Potencial de Desenvolvimento Humano

Formações

Disseminação de Tecnologias sociais

Assessoria técnica para implementação de projetos

Comunicação? Incidência? Alianças e parcerias?

Fundo Patrimonial

PROJETOS / INICIATIVAS ESTRATÉGICAS

Plataforma Arasempre - Ser Criança, Sítio Maravilha - Centro de Permacultura, Dedo de Gente, Vale Água Vale Vida, Empório Solidário

Parelheiros Saudável, Territórios Abraçados - Centro de Excelência em Primeira Infância

Barra Longa - Quintais produtivos

Geração

Dedo de Gente

Centro de Excelência em Educação do Campo

EDUCAÇÃO É FIM E NÃO O MEIO

Quando colocamos os pés no ano 2020, estávamos alinhados em torno de uma causa e alguns pressupostos que foram se comprovando e se construindo na trajetória institucional do CPCD.

Tínhamos a convicção de que “Educação é algo que só ocorre no plural” e que “Desenvolvimento é geração de oportunidades”, o que foi a base para a formulação de metodologias e tecnologias sociais inovadoras.

Também tínhamos uma certeza: a existência de uma equipe de educadores comprometidos é condição essencial para o êxito de nossa missão e visão. Por isso há um investimento constante de energias e recursos na formação destes profissionais: aprendizes permanentes, provocadores de mudanças, criadores de oportunidades, promotores de generosidade e cidadania, enfim, construtores de comunidades educativas, cidades sustentáveis e ecossistemas de aprendizagem. Convocadores de aldeia. Essa formação e convocação acontece em cada comunidade em que pisamos, com a formação de novos times e muito fortemente entre os educadores que já acumulam experiências em nosso time. Um forma o outro, com um moto-contínuo, e assim segue sendo.

Outro ponto que fundamenta nossa atuação é a participação efetiva das comunidades-foco, que são envolvidas em todas as etapas, processos, impactos, produtos e resultados dos projetos, programas e plataformas, gerando o “empoderamento” comunitário, alicerce e sustentabilidade de todas as ações programáticas que implementamos. Em cada comunidade ficam sementes e resultados que podem (e devem) seguir com autonomia.

Por fim, aprendemos também que, para a construção de um modelo de desenvolvimento sustentável local, têm sido fundamentais as alianças e esforços amplos de comunidades, OSCs, empresas, governos e sociedade em geral que se mobilizam para o alcance de uma causa comum.

No início de 2020, em fevereiro, após férias coletivas, nos reunimos em Curvelo para reiterar esses saberes e causas da equipe, com diferentes comunidades.

Também para trocar entre nós e para estarmos juntos, nos formando. Esse momento foi fundamental para enfrentarmos em seguida o isolamento da pandemia, que representou um susto para todos e um desafio para o tipo de trabalho que realizamos.

“Imagina! A gente é uma instituição de campo e de repente todo mundo é obrigado a ficar em casa. Tudo o que a gente sabia fazer era juntar as pessoas no mesmo lugar e isso era o que não podia acontecer e era muito frustrante para a gente. Eu pensei: o CPCD acabou. Mas aí a gente foi conversar em equipe, se acalmar, foi coletivo e espontâneo esse acolhimento, o CPCD tem isso de natureza. Depois a gente parou para pensar: o que a gente precisava fazer para cuidar da comunidade à distância? E aí recomeçamos.”

Onésima Mourthé, Educadora

“O CPCD usou de vários pretextos para gente acreditar de verdade numa causa. A gente falava ‘não vai dar certo’ e vocês falavam ‘vai dar certo sim, vai em frente que isso vai funcionar’. Criaram um espaço seguro onde pudemos compartilhar, falar de nossas tristezas, nossos desânimos. Eu me desenvolvi demais dentro do grupo, consegui olhar pro futuro. É muito bonito olhar para esse coletivo e esperar de novo, graças a essa condução.”

Mara Sara Jacarandá, agente de desenvolvimento comunitário

Vivemos um processo de acolhimento à distância e de descoberta de caminhos. Como as pedagogias do abraço, do copo cheio, da roda e do sabão permaneceriam vivas, em outros termos? O time do CPCD se integrou para pensar soluções, para se acolher e para acolher comunidades. E elas, os sims que procuramos, vieram.

“Eu senti que o time do CPCD pegou ‘o boi pelo chifre’, isso aqui é meu, eu vou tomar conta, eu vou fazer. Mas não foi um trabalho isolado, solitário. Ele está dentro desse arcabouço que a gente vem aprendendo ao longo de todas as vivências do CPCD. As pessoas durante a pandemia foram provocadas a fazer acontecer as coisas e mostraram que elas acreditam no trabalho, que elas conhecem a metodologia, que elas gostam do que fazem, que elas querem que as coisas funcionem.”

Eliane Almeida, Diretora educacional

“Eu me surpreendi muito com a equipe do CPCD, porque as pessoas encontraram um jeito novo de trabalhar que eu não acreditava que fosse possível. Todo mundo começou a aprender mais sobre tecnologia, fizeram até oficinas online.”

Doralice Mota, Diretora financeira

“A resiliência da equipe foi marcante, de forma geral, que saiu de uma zona de conforto para entender outras coisas e poder minimamente se reunir, se comunicar com as comunidades, entender de saúde para informar bem as pessoas, além de fazer o emergencial: a gente teve condição de convocar a aldeia para poder atender as necessidades que se apresentavam, com as máscaras, os alimentos, o material de limpeza e de higiene... e a gente começou a fazer coisas que a gente nunca tinha feito antes e a equipe ficou muito unida no sentido de compartilhar mais e a fazer intercâmbio online: o pessoal de São Paulo com o de Aracuaí, o pessoal de Brumadinho, Bicas e Igarapé conversando com o time do Maranhão. A gente sempre falou que para conhecer o CPCD teria que ir para o lugar e a gente teve muitas visitas virtuais nesse período. Houve uma quebra de paradigma de que o presencial era indispensável.”

Flávia Mota, Diretora administrativa

“Foi muito rápida a constatação da quantidade de pessoas que estavam passando fome e que precisavam ter acesso a coisas básicas - cesta básica, alimento, dinheiro para pagar conta de gás, de luz - e por um outro lado, havia muita falta de informação segura. As pessoas estavam com muito medo e isso inclui a nossa equipe. E a gente teve que ter um processo de formação para equipe e a gente ia tentando suprir o angústia, adaptar o trabalho que precisava acontecer e desde o início a gente decidiu que não adiantava fechar as portas e ficar todo mundo em casa, cada um por si, Deus por todos: a gente tinha que continuar atendendo a comunidade. Os times tiveram que se reinventar completamente.”

Laniela Feitosa, Educadora

Os cuidados, neste momento, incluíram ajuda emergencial com alimentos e proteção e também um esforço extra de comunicação: rodas online, carros de som, podcasts, informação segura sobre a Covid-19 e sobre a manutenção de tecnologias sociais que também ajudavam as pessoas das comunidades a enfrentar as incertezas do momento.

“Eu acho que a gente se desprende de muita coisa: a gente fez vídeo, a gente fez podcast... se você for olhar o primeiro até o último, foi uma evolução grande! A gente usou muito do lúdico para tentar chegar nas pessoas e, de alguma maneira, na pandemia.”

Jorge Luiz, Educador

Os projetos e o atendimento às comunidades acharam uma nova rotina, sem abrir mão do cuidado e da inclusão. Inovamos e novas formas de atuar se somaram ao dia a dia.

“O nosso trabalho é muito caloroso, olho no olho, aprender junto, mão na massa, mas eu acho que eu aprendi que a gente pode agregar as duas coisas - o presencial e o virtual - e tudo vai se fortalecer: nosso trabalho vai ser muito melhor se a gente puder usar as duas coisas.”

Ana Paula Silva, Educadora

“Saber que a gente ia continuar com o trabalho sem o olho no olho foi um frio na barriga, mas ao mesmo tempo, a vontade e a causa que a gente tem e saber que faz a diferença o que a gente faz, fez com que a gente ultrapassasse nossos medos e nossos limites. A gente não se distanciou do outro e achou formas de estar presente.”

Advete Santana, Educadora

O time estabeleceu uma maior frequência nas trocas entre projetos e territórios: formações e reuniões online levaram a um aumento exponencial das trocas entre educadores. Uma solução ou experiência em um canto, inspirava e era reaplicado imediatamente em outro. O que já acontecia, inclusive na estratégia das plataformas (os centros de referência e de excelência mostram que algo é possível de fazer e reaplicar). A coragem assim era compartilhada entre nós e gerava um ânimo importante para tocar as atividades à distância.

“Eu acho que a grande virada foi a produção. A gente bebeu muito da fonte das trocas do CPCD, na pandemia eu fiquei muito mais próxima dos outros educadores: Betinho maravilhoso me

ensinava como plantar, a Gleidi nos contou das hortas comunitárias do Maranhão, com fotos e histórias, e a gente teve acesso a essa experiência, a gente fez uma conversa com o pessoal do projeto Geração com o Jorge e a Gleidi e Dona Rosilda do Espírito Santo, integrante da experiência de campos agroecológicos e hortas comunitárias do Maranhão, para compartilhar. O Alecson me mandou muito material, tem sido muito rico.”

Laniela Feitosa, Educadora

Nossa vontade de inovar não parou e outras formas se consolidaram: um processo de autoavaliação levou a um desenho mais preciso sobre a sucessão na gestão institucional e também de outras necessidades, como uma comunicação institucional e um processo de captação de recursos e de governança mais robustos, que tem se implementado a partir de 2022. Esses passos se traduziram em mais autonomia à equipe e também em movimentos de institucionalização, como este relatório neste formato, por exemplo.

“Ficou muito evidente para mim que a sucessão do CPCD aconteceu na pandemia. Eu tive uma reunião com o Tião e a gente percebeu que a sucessão já aconteceu, já temos toda a diretoria formada. Foi um processo natural, e isso foi resultado da pandemia: de sentir as pessoas trabalhando mais de perto.”

Doralice Mota, Diretora financeira

Houve resultados positivos imprevistos que também foram contabilizados. Em razão do uso das redes sociais, em lugar das atividades presenciais planejadas nos projetos, como formações e encontros, pessoas que não estavam entre o público-alvo dos projetos foram alcançadas, o que pode ser observado em todos os territórios. O uso das redes sociais com fins educativos foi também uma novidade para os participantes e gerou competências e usos novos para elas.

“Já bem no final de 2020, nós conseguimos criar um grupo de produção de sabão, que vendeu mais de 8 mil barras de sabão que acompanhavam os kits de higiene nas cestas e eu acho que a gente conseguiu mobilizar as pessoas à distância justamente por causa do trabalho que a gente tinha feito antes. Financeiramente teve um grande impacto nas comunidades e outros parceiros aproveitaram muito da comunicação que a gente mantinha, para entregar cestas e chegar às pessoas. (...) No Maranhão, as pessoas continuam utilizando o Whatsapp para trocar, vender seus produtos da horta ou seus bolos... e isso nos mostra que a gente precisa usar isso a nosso favor a favor dos projetos, pensar em estratégias para poder estar mais presente no nosso dia a dia, principalmente em projetos voltados à geração de renda”

Gleidiane Santos, Educadora

“Se fosse pelo previsto, a gente ia fazer uma formação para 20 pessoas. Mas, como a gente teve que fazer de outra maneira, à distância, havia 100 pessoas no grupo, ou seja, foi possível alcançar mais pessoas.”

Edilúcia Borges, Educadora

Ainda em razão do online, outra perspectiva que se ganhou foi uma visão menos individualizada e mais global de quem participa da roda, como se fosse uma ampliação de sentidos e um olhar para as pessoas de uma forma mais coletiva: o jovem, o morador da comunidade, o representante do poder público, foram recortes que nos permitiram ver sob outra perspectiva nossos interlocutores. Talvez o projeto Júpiter tenha sido o mais passível desta percepção, porque toda a sua fase de mobilização aconteceu online, os jovens tiveram o primeiro contato com a proposta pelo telefone ou pelo computador...

“Houve uma amplificação. Quando a gente está no grupo presencial, a gente vai para dentro e fica muito no indivíduo, a gente se conecta com aquele coração. Você sente o cheiro. Quando a gente faz essa conexão à distância, essa conexão é mais global, não no sentido negativo, mas no sentido de amplificar essa leitura, porque o que você está vivendo, eu posso viver também.”

Ednalda Santos, Educadora

Outro movimento importante neste biênio, foi a “radicalização da roda”, ou o transbordamento das ações que implementamos nos territórios junto a parceiros e aliados. Isso aconteceu de muitas maneiras: compartilhamento da gestão de projetos, como o Empório Solidário; a parceria com o IFNMG aprofundada no projeto Vale Água, Vale Vida; uma maior presença do Ser Criança nas escolas de Araçuaí, desenvolvendo atividades em favor da educação integral e da defesa dos direitos da infância; a integração do Parelheiros Saudável com as instituições públicas e privadas que atuam no território para compreender e atender às necessidades emergenciais que se apresentaram, além das próprias comunidades: no Maranhão, ainda com a descontinuidade de recursos dos projetos, as pessoas participantes dos projetos Casa Saudável e Estação Conhecimento seguiram defendendo em campo as causas e as práticas dos projetos.

“A gente fez seminários, a gente conseguiu ter associações com poder público municipal e outros parceiros - a Cáritas, o Instituto Federal juntos numa mesma pauta - e eu fiquei pensando como a gente poderia avançar nessa questão da mobilização. Acho que há um tempo atrás a gente fazia um trabalho mais sozinho nas comunidades e agora a gente trabalha mais com as associações e eu acho que eu tenho que aprender muito para colaborar mais com os parceiros, com as associações, com mais pessoas ali, isso fortalece muito a nossa causa e dá resultado para as comunidades.”

Edilúcia Borges, Educadora

Outro movimento de transbordamento foi a articulação em torno do Fundo Jequi, que vai organizando a captação de recursos de projetos para o desenvolvimento local do Médio Jequitinhonha, a partir da ação do CPCD e de parceiros que também compõem sua gestão, com o incentivo do programa Transformando Territórios do IDIS - Instituto para o Desenvolvimento do Investimento Social.

O time do CPCD encerrou 2021 já tendo oportunidades presenciais de encontro com as comunidades e com um direcionamento forte para o fortalecimento institucional, a partir das experiências de 2020 e 2021.

“Quando a gente chegou na roda com os meninos do Júpiter, me deu aquele meio segundo de branco. Aí a gente ficou discutindo se podia pegar na mão, quais eram os protocolos... e aí foi possível voltar e fazer essa conexão de coração para coração. Você não perde uma habilidade, você ganha outra.”

Ednalda Santos, Educadora

Na bagagem seguem novas ideias, habilidades e reflexões, como as que compartilhamos e registramos aqui, além da certeza sobre a potência das pedagogias que nos baseiam.

Seguimos sobretudo com o desejo de inovar: incorporar o conceito de ecossistemas de aprendizagem ao nosso cotidiano; colocar tecnologia, comunicação e sistematização mais a serviço de nossa causa; aperfeiçoar produtos e modos de atuar junto às comunidades.

***“Estamos interconectados entre nós e fazemos uma conexão mais ampla com a causa. Sempre preparamos um projeto que supõe uma relação visceral com as pessoas que moram no território, convocando-as para uma causa superior a todos nós. Propomos isso de vários jeitos - rodas, brincadeiras, várias atividades - que são pretextos para um texto maior, juntando pessoas para fazer do lugar onde moram um lugar mais digno, mais humano, mais inclusivo, um lugar melhor. Que a gente possa experimentar nesse pedaço do planeta, algo que o planeta todo precisa aprender e que, aparentemente e historicamente, não está fazendo: viver de forma solidária, com respeito, com paz e harmonia.*”**

A opção é investir no lado luminoso das pessoas. Quando chegou a pandemia não precisamos mudar o jogo, mas desenvolver formas ainda não feitas para continuar. A questão presencial nos faz falta, mas o time superou isso porque tem facilidade de trabalhar com as tecnologias.

O presencial e o virtual a partir de agora vão conviver, porque mostraram eficácia. Surgiu a possibilidade de potencializar nossa capacidade de avançar com as nossas causas. Saímos da lógica da progressão aritmética para a lógica geométrica, até chegar na progressão exponencial. Assim estamos levando para escala a complexidade desse processo, a interconexão de pessoas, atores, ideias, mas a partir de uma causa.”

Tião Rocha

“Eu sei do comprometimento, do amor dos educadores, não é só um trabalho, é a causa de vida de todo mundo. Eu acho que nem o Tião Rocha, que idealizou essa história, sabe o tanto de diferença que faz na vida da gente.”

Ana Paula Silva, Educadora

FICHA TÉCNICA

O conteúdo deste relatório foi construído e organizado a partir do conhecimento produzido no âmbito dos projetos, somado a entrevistas e depoimentos sobre as ações do CPCD entre 2020 e 2021.

ENTREVISTAS realizadas por Luciana Aguiar com:

Advete Santana, Ana Paula Silva, Celso Souza, Doralice Mota, Edilúcia Borges, Ednalda Santos, Eliane Almeida, Flávia Mota, Gleidiane Santos, Jorge Luiz Pereira, Laniela Feitosa, Silmara Soares.

REDAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE CONTEÚDO:

Luciana Aguiar

Flávia Mota

Tiã Rocha

PROJETO GRÁFICO:

Cláudio Nascimento

IMAGENS:

Equipe e acervo do CPCD